KINOPUS APRESENTA

K

BRASIL, INFLAÇÃO, DESEMPREGO, ANOS 1980

ISTO É UM ASSALTO!

7 BANDIDOS ARMADOS
30 MILHÕES E 300 REFÉNS
7 HORAS DE ASSALTO

A QUADRILHA DISCURSA CONTRA O GOVERNO E DISTRIBUI DINHEIRO ENTRE OS REFÉNS

FORA DO BANCO, 5 MIL PESSOAS ACOMPANHAM O ASSALTO AO BANCO DO ESTADO E TORCEM PELOS BANDIDOS

O MAIS LONGO SEQUESTRO COM UM GRANDE NÚMERO DE PESSOAS NA HISTÓRIA DO BRASIL

UM FILME DE

RODRIGO GROTA

PRODUÇÃO

GUILHERME PERARO

FOLHA DE LONDRINA

O MELHOR JORNAL DO PARANÁ

, sábado, 12 de dezembro de 1987 | Diretor-Presidente: João Milanez | Ano 40/nº. 10767 | De terça a sábado Cz$20 | Hoje, 22 páginas

Assalto ao Banestado

1 Ladrões cercados por 200 policiais

2 Reféns libertados voltam a Londrina

3 Parte do dinheiro já foi recuperada

José de Carvalho

Cães amestrados e armamento sofisticado estão sendo utilizados por cerca de 200 policiais paulistas

Os marginais que assaltaram quinta-feira a agência centro do Banestado de Londrina e que fugiram levando 12 reféns em um ônibus, acabaram cercados ontem, pouco depois das 12 horas, pela polícia, nas proximidades de Sorocaba. Eles rodaram a noite toda, pararam e sequestraram vários ônibus, fazendo o transbordo com os reféns e acabaram libertando-os perto de Sorocaba, na rodovia Castelo Branco. Foi então que acabaram interceptados pela polícia, trocaram tiros, fugiram e, a pé, embrenharam-se num matagal enquanto uma intensa caçada se processou, envolvendo cerca de 200 policiais, várias viaturas, cães amestrados e 3 helicópteros. Na fuga, eles abandonaram grande parte do dinheiro roubado (eles sairam de Londrina, supostamente com 30 milhões de cruzados) e um deles, conforme testemunho de pessoas no local, está ferido. Os policiais têm dificuldades para entrar na mata mas acreditam que os assaltantes estão ainda lá e tem como certo que irão prendê-los porque eles não têm como fugir, conforme afirmaram ao repórter da *Folha*, Edinelson Alves, que foi enviado até lá em avião fretado para acompanhar a busca. Os reféns já voltaram, alguns de carro, outros de avião e a recepção a eles foi festiva e com muita emoção.

Págs. 4, 5, 6 e 2

Aluísio Alves em Londrina

O ministro da Administração, Aluisio Alves, chegou ontem às 17h30m a Londrina para proferir palestra no encerramento do curso de pós-graduação e especialização em gerência empresarial. O curso foi promovido pela Associação Brasileira de Administração e pelo Cesulon. Após a conferência, realizada durante jantar no Bufê Planalto, o ministro voltou a Brasília.

Silva

O repórter que virou notícia

A Redação da Folha se transformou ontem à tarde, à chegada do jornalista Paulo Ubiratan, que ficou como refém dos assaltantes do Banco do Estado do Paraná. Faixas, cartazes e até bexigas foram colocadas no setor de atividade do nosso repórter policial. E não só pessoal do Jornal ficou à espera: jornalistas de vários órgãos de Londrina e correspondentes vieram esperar Ubiratan que, logo ao chegar, viveu um momento diferente: microfones, telefones, câmaras, máquinas fotográficas o cercaram. Em meio aos abraços e à emoção, ele contou todos os lances do drama. Parte do depoimento de Paulo Ubiratan está n [illegible] outra par[illegible] da fuga.

PTB já é o

Filmes na TV

A programação de filmes na TV hoje tem quantidade e alguma coisa de bom; entre as reprises. O período da tarde é fraco, com Tarzan, no SBT, a guerra de secessão norte-americana na Globo e um super-repetido Jerry Lewis, também no SBT. À noite as perspectivas são melhores, desde a comédia de Gene Wilder,

[illegible]se, na Globo, até, na mesma [illegible] Coruião. *O Pequeno Grande Homem*. Pág. 15

Programa obrigatório

[illegible] *Seda*, da consulesa Akiko [illegible]rta no início do mês, em [illegible] Galeria Funarte. A mostra [illegible] o dia 19 e é um programa [illegible] para quem gosta do belo. Pág. 15

Rita no Moringão

Rita Lee é sempre uma atração. Os 4 anos que a rainha das roqueiras permaneceu longe do palco não diminuíram seu atrativo. E hoje Rita estará no Moringão, em Londrina, com Roberto de Carvalho, em mais um [illegible]lo que promete ser dos [illegible] É promoção da *Folha FM* e [illegible] 2 horas. Os ingressos custam [illegible] cruzados. Pág. 13

Londrina e o PCB

[illegible]eputado [illegible]Almeida [illegible] 53 anos [illegible]ticipação [illegible]ítica de [illegible]ondrina, [illegible] um fato [illegible]pora não [illegible]gado: o [illegible] Partido [illegible]ista Brasileiro também [illegible] neste ano seus 53 anos de [illegible] em Londrina. E conta que [illegible]s que para cá vieram, no [illegible] a década de 30, haviam [illegible]do dos primeiros anos de [illegible] do PCB, fundado em 1922, [illegible] aqui, apesar da ditadura, a [illegible]ância política. Pág. 2

Sarney e o PMDB

O jornalista Carlos Chagas comenta entrevista a ele concedida pelo presidente José Sarney, ocasião em que o chefe da Nação falou sobre [illegible]

[illegible]as na linguag[illegible]

SINOPSE

Londrina, Paraná, final dos anos 1980: o assalto com o maior número de reféns na história criminal brasileira. Liderados por Moreno e Barba, jovens bandidos amadores entram no maior banco da cidade, fazem 300 reféns, e exigem 30 milhões de cruzados. Moreno, o líder dos assaltantes, faz discursos contra o Governo e distribui dinheiro para os reféns. Uma multidão se aglomera nas ruas e começa a torcer pelos bandidos. Após sete horas de negociação, o bando inicia o seu plano de fuga. Ao jogar dinheiro para a multidão, Moreno é baleado. Filme inspirado no episódio histórico ocorrido em Londrina no dia 10 de dezembro de 1987.

VISÃO DO DIRETOR

Meu primeiro contato com essa história ocorreu no final dos anos 1990, quando estudava Jornalismo e conheci Paulo Ubiratan, repórter responsável pela liberação de reféns durante o assalto. Acredito que o cinema policial tem uma capacidade única de ser ao mesmo tempo popular e crítico em relação à realidade. Isso ocorre, pois ao apresentar um crime, o gênero policial expõe problemas sociais por uma via indireta - a da transgressão, o que causa uma forte identificação entre o grande público. No filme **ISTO É UM ASSALTO!**, temos Moreno, um bandido romântico, que distribui dinheiro para os reféns, para a população, e faz críticas ao Governo e a instituições bancárias. Moreno é um anti-herói perfeito nesse sentido: ele concentra o drama de uma sociedade a partir da sua jornada individual rumo ao abismo. Para ele, o trágico só existe enquanto espetáculo de si mesmo, e este é o tom que deve predominar no filme: um policial clássico, com crítica social e uma certa dose de humor.

FOLHA DE LONDRINA

O MELHOR JORNAL DO PARANÁ

1 de dezembro de 1987 | Diretor-Presidente: João Milanez | Ano 40/nº. 10766 | De terça a sábado Cz$20 | Hoje, 26 páginas

Dia de cão em Londrina

A cena dentro do banco: negociação e ameaça

O jornalista Paulo Ubiratan, servindo como mediador

Londrina viveu ontem - dia de seu aniversário - um dia de cão, similar ao que aconteceu em Nova York há anos e que deu origem ao filme com esse título. Um grupo de 7 assaltantes invadiu, cerca das 11h30m, a agência central do Banestado, na Av. Paraná, e tomou como reféns as quase 300 pessoas que ali estavam. O movimento era grande por ser dia de pagamento. Os marginais feriram um vigilante e mantiveram as pessoas sob vigilância, ao tempo em que um enorme contingente policial cercava o local e sitiava a região central da cidade. O repórter policial da *Folha*, Paulo Ubiratan, se ofereceu para atuar como mediador e começou as negociações. Os criminosos exigiram 30 milhões de cruzados, um ônibus para fugir, armas e alimentos. Aos poucos, foram libertando os reféns, enquanto iam sendo atendidos. O mais difícil foi o dinheiro, que teve de ser arrecadado em outros bancos. Finalmente, cerca das 18 horas, eles foram deixando o banco, cercados pelos últimos reféns e embarcaram no ônibus, levando consigo 5 funcionários do banco, um cliente, um advogado, o padre Lucio, o repórter Paulo Ubiratan, o delegado Vanderci Corral Fernandes, o capitão Pedro Marcondes e o coronel Bruckman, ambos da Polícia Militar. Até como resultado da mobilização policial no centro, ficando desguarnecida a Cadeia Pública, houve uma tentativa de fuga em massa dos 140 presos que ali se encontravam. O pequeno contingente policial, porém, conseguiu conter a tentativa, recebendo reforços. No final, vários presos saíram feridos e há notícias desencontradas sobre a fuga de pelo menos 3 deles. Quanto aos assaltantes, o ônibus em que fugiam chegou a ser perseguido, enquanto tomavam o rumo de Sertanópolis. Estão, sob ordens dos marginais, o ônibus parou e uma vez mais o jornalista Paulo Ubiratan serviu de mediador, pedindo que a perseguição fosse suspensa, uma vez que havia ameaça de tiros contra os reféns. Houve disparos contra os carros que vinham atrás, mas ninguém se feriu. E a perseguição parou. Cerca das 20 horas, informava-se extraoficialmente que o ônibus com os bandidos seguia rumo a São Paulo; outros diziam que estava voltando. Mas não houve qualquer confirmação nem notícia sobre os reféns até o fechamento desta edição. Mesmo como refém, Paulo Ubiratan gravou uma entrevista com um dos ladrões que disse que o assalto tem conotação política.

Págs. 4, 5, 6, 7 e 26

A libertação de reféns que saem nervosos e assustados

O trecho da Av. Paraná onde se localiza o banco foi fechado ao trânsito

Na cadeia de Londrina a fuga frustrada

O último lance: reféns e bandidos embarcam no ônibus

O intenso aparato policial não resolveu nada

Pág. 2

Pág. 10

Pág. 17

24 horas com os assaltantes

O depoimento do repórter Paulo Ubiratan, que foi mediador e refém no assalto que paralisou a cidade

João Arruda — Da Editoria Especial

Ontem, às 17 horas, quando um táxi parou em frente à Folha, desembarcou uma figura minúsculo, com a roupa toda amarrotada e ar de cansaço. Nem poderia ser diferente: o repórter Paulo Ubiratan, 49 anos, casado, pai de quatro filhos, estava retornando da maior aventura profissional em seus 25 anos de carreira. Na manhã de quinta-feira, ele havia saído da Redação com a incumbência de realizar a cobertura do mais ousado e longo assalto a banco da história de Londrina, na agência Centro do Banestado. Mas acabou por se transformar em uma figura de destaque ao atuar como mediador entre os ladrões e as autoridades, acabando também por ser incluído no grupo de 12 reféns que somente ontem, às 11h30m, foi liberado na cidade paulista de Avaré.

Assim, Ubiratan pode presenciar não apenas toda a ação ocorrida no interior da agência bancária, mas também a noite de tensão que se seguiu, quando os assaltantes e os reféns partiram em direção ao Estado de São Paulo. No caminho, trocaram quatro vezes de ônibus, até os reféns serem libertados sãos e salvos. Aos ladrões, restou enfrentar o cerco montado pela Polícia.

Um dos assaltantes entregou Cz$100 mil a Paulo Ubiratan, que, sem hesitar, afirma: "Se a Justiça permitir, vou distribuir este dinheiro aos pobres". Ontem, ao chegar à Redação, o repórter foi recebido com festa pelos seus colegas. Aqui, na primeira parte de seu depoimento, Ubiratan conta com detalhes os fatos ocorridos no interior da agência do Banestado. E, na edição de amanhã, relata toda a tensão que ele e os demais reféns sentiram durante toda a noite de quinta-feira e madrugada de sexta.

Paulo Ubiratan, ontem na Redação, com os Cz$100 mil que os assaltantes lhe deram: "Se a Justiça permitir, vou distribuir este dinheiro aos pobres"

"Eram precisamente onze e meia da manhã de quinta-feira quando eu chegaei no jornal. Já havia um telefone para mim, avisando do assalto. Subi na Redação, deixei minha pasta, peguei meu gravador, papel, caneta e me mandei. O José de Carvalho, fotógrafo, já estava lá. Havia uma multidão no local, muita gritaria e a Polícia com seus carros estacionados na frente. O policial Orlando me pegou pelo braço e comentou que havia reféns dentro do banco. Nesse meio tempo, um senhor aproximou-se e disse: "Minha mulher grávida está lá dentro. E se ela tiver qualquer problema, ela perde este filho". Logo em seguida, outro homem, muito tenso, disse exatamente a mesma coisa.

Eu me posicionei bem em frente à porta da agência, quando o Terência — agente da Furtos e Roubos — chegou e disse: "Acabo de receber um telefonema deles, estão querendo 20 milhões de cruzados". Pedi para o Terência para falar com os assaltantes e, por telefone, estabelei uma rápida conversa com "Moreno", o chefe do grupo. Para tanto, subi a um escritório no prédio em frente, onde foi instalado o QG da Polícia. Comentei com Moreno que havia mulheres grávidas lá dentro e que me prontificava a bater um papo com eles, para a gente resolver a situação".

"Você será muito bem vindo, meu repórter Paulo Ubiratan, vem pra cá", foi a resposta dele.

Daí eu tirei a camisa, tirei meu boné, e fui lá.

Chegou na porta a pergunta: "Quem é o Moreno"? Um rapaz forte, estatura média, mascarado, respondeu: "Sou eu, meu irmão. Chega aqui". Disse a ele: "Mas que barbaridade, tem mulher grávida aí, os parentes estão desesperados lá fora". Ele falou: "Olha aqui, não vamos fazer conversa mole. Não estou a fim de machucar ninguém. O que eu quero é o seguinte (me deu um papel e uma caneta e pediu para que eu tomasse notas) quero 30 milhões de cruzados, em notas soltas, duas pistolas 7.65, quero a munição que está dentro daquele táxi parado ali em frente, quero um ônibus com vidro fumê, seis pentes de 7.65, quatro caixas de bala 7.65, três caixas de bala para revólver 38".

"Você será muito bem-vindo, meu repórter Paulo Ubiratan" - disse o líder dos assaltantes

Atrás disso, E avisa que eu saiase, ele falou: "O repórter, mostra tua carteira de jornalista". Eu tirei minha carteira e mostrei. Ele falou: "É muito complicada, eu não entendo, com tê sendo que você é mesmo jornalista porque lá escrito aí". Saí da agência, fui até o QG e passei os pedidos deles para o delegado Gil Pacheco Ribeiral, que de imediato disse que não teria problema, que as reivindicações seriam atendidas.

Voltei ao banco, comuniquei a eles e pedi autorização para voltar, pegar a minha camisa e meu gravador. Moreno consentiu: "Tudo bem, pode ir". Peguei minhas coisas e retornei à agência, quando lá chegaei já estava o delegado Vanderci Corral Fernandes, o coronel Brueckmann (comandante do 5º BPM) e o capitão Pedro Marcondes, além do gerente de outra agência do Banestado.

O Moreno — que era o único a falar pelo grupo — disse, então, pra mim: "Dá uma não aí para ver quem precisa mesmo sair mesmo do banco". Daí eu dei a idéia de trazerem as mulheres grávidas, crianças, senhores de idade e quem estivesse passando mal. Havia cerca de 200 pessoas dentro da agência, e a cliente era aparentemente calmo mas de muita medo individual. Muitas choravam baixinho. Todas estavam estendidas no chão. Daí eu comecei a perguntar, por grupos, quem estava passando mal. Muita gente estava com tanto medo que não conseguia nem levantar a cabeça. Ai me identifiquei como jornalista e que estava aí para ajudar, comecei inclusive a contar piadas para amenizar o clima. Nesse momento, o Moreno chegou com um litro de Old Parr, e falou: "Já que você vai ficar com a gente, vamos nos confraternizar". Aí eu disse: "Ao meio-dia eu não tomo bebida alcoólica, ainda tenho muito que trabalhar". Ele sorriu, e disse assim: "Mas acha que você vai ficar com a gente". Eu respondi: "Se for preciso, já estou com você". Senti que seria mesmo levado como refém.

Aí, por autorização dele, comecei a tirar pessoas do interior do banco. Inclusive, para quatro senhoras eu pedi para que fingissem que estavam desmaiadas, passando mal, com falta de ar — e elas atenderam, e eu as tirei de lá. As que eu tirei no colo foi para fazer um pouco de encenação mesmo. Devo ter tirado pelo menos umas trinta pessoas. Em determinado momento, um dos assaltantes, o 02 (eles se identificavam por números, em sequência, o único a ter nome era Moreno), encostou a ponta de uma Rossi 38 nas minhas costas e perguntou: "Você não acha que está tirando muita gente?" Eu ponderei para ele: "De que iria adiantar uma pessoa histérica, aqui, nesse momento?" Daí ele sorriu e disse: "Não abusa".

A situação dentro do banco era a seguinte: Moreno andava por todos os lugares; um dos assaltantes rendeu o pessoal na parte esquerda do balcão; outro ficou no banheiro, sozinho, vigiando; outro estava no meio da agência; outro, na porta, mais para o lado direito; um outro na parte da gerência e o sétimo caminhava de ponta à ponta da agência. Eles estavam muito bem armados e com muita munição. Todos mascarados.

No desenrolar da situação, quando havia a tentativa de trazerem o dinheiro para o interior da agência, houve muita morosidade da parte do Banestado. Primeiro, trouxeram 3 milhões; depois, pouco mais de um milhão; por fim, mais uma remessa de 6 milhões. Ai disseram que tinha acabado, que Londrina não tinha 30 milhões de cruzados, como afirmou um dos gerentes presentes.

Essa morosidade me preocupava muito pela tensão do pessoal que estava lá dentro, inclusive os próprios funcionários do banco. Momentos atrás, criticando o procedimento deste gerente. Eu temia que à qualquer momento pudesse haver pânico, o que poderia redundar numa grande tragédia.

Eu havia me oferecido para fazer qualquer negócio, para contribuir para que o problema todo fosse resolvido. E na condição de mediador conversava o tempo todo com as autoridades, inclusive com as que estavam de lado de fora, por telefone, chamando atenção justamente para esta morosidade. E elas concordavam comigo. E conforme mais eu me envolvia, mais eu pendia para o lado do bandido, do que da legalidade, porque o comportamento deles estava sendo mais honesto. Inclusive, em determinado momento o Moreno me chamou de lado e disse: "Eu vou levar gente comigo, além do delegado e o comandante". Daí eu tentei ponderar da seguinte forma: "Com o delegado, eu e o comandante, não teria mais necessidade de reféns. Eu, representando a imprensa, e os outros dois a autoridade policial". Daí ele deu um sorriso e disse: "Você é muito vivo". E, no único momento em que demonstrou rapidez, falou: "Leve troço deixa pra mim".

"Um dos ladrões encostou a arma nas minhas costas e disse: 'Você está tirando muita gente'"

Nesta altura também já estava presente no banco o advogado Laertes Araújo, igualmente levado como refém.

Gostaria até de chamar a atenção para um fato: muitos colegas da imprensa não entenderam minha posição no episódio, e pensaram que eu estava monopolizando a informação. E inclusive o Moreno me disse: "Se estes caras — os repórteres — não se atentarem de onde estão, a coisa não vai terminar bem". Achei que, neste caso específico, faltou uma coordenação, a nível de imprensa. Eu sei que há um afã em querer saber o que está acontecendo. No lugar deles, faria o mesmo. Mas tem que se ponderar que havia 200 pessoas lá dentro do banco.

Moreno também me chamou a atenção para o fato de que haveria um policial, portando metralhadora, de tocaia no prédio em frente. E disse que queria a arma do policial. Daí eu ponderei que ele estava radicalizando, pensei tudo que eles haviam pedido, a nível de armas e munição iá havia sido atendido. Disse isto não vamos chegar a lugar nenhum", disse a ele. Ele respondeu, secamente: "Esquece". Posteriormente, percebi que houve uma confusão da parte de Moreno, porque quem estava lá em cima era o repórter Milton Dória, da Folha, com uma telebactera.

As autoridades acabaram por mandar dois ônibus para o banco, não havia ônibus com vidro fumê, como o exigido, então trouxeram um de pescaria, de propriedade de um médico, com cortinas. E para dar opção, foi trazido um ônibus tipo seletivo, da Grande Londrina, que não aceitaram, por achar que ficariam muito expostos. Isso ocorreu por volta das 16h30m, quando ainda havia cerca 200 pessoas dentro da agência.

Em relação ao dinheiro, eles pegaram um pouco que havia na própria agência e o restante veio de outros bancos, completando enfim os Cz$30 milhões. Não havia moedeiro de numerários da parte dos assaltantes: eles acreditavam nas autoridades, era tudo na confiança. Eu até comentei com o 02: "Puxa, nunca vi tanto dinheiro na minha vida". Ele riu, e disse assim: "Nunca viu porque você não é banqueiro". Eu respondi: "Você quer dizer bandeiro?" Ele então fez uma pergunta, dizendo que bandeiro não gosta nada, só de dinheiro.

Quando chegou a última remessa, eu fiz então a entrevista com o Moreno. Ele chegou e disse: "Para você eu vou falar, mas não mostrar a voz, para não ser reconhecido". Ele criticou muito o Governo, mas não aceitou que o assalto tenha qualquer conotação política. Moreno teria dificuldade em se expressar e usava frases de lugar comum, tipo: "o Governo é um explorador", "Não gosto do Sarney", "O trabalhador é explorado". Creio que ele ia para confundir um pouco as coisas. Em determinado momento, ele falou: "Eu sou roubando do banco. Eu estou levando prestado, para reverter isso em benefício do povo contra os exploradores". Eu perguntei: "Quer dizer que você desapropriando?"

"Moreno criticou o Governo, mas não acho que o assalto tenha conotação politica"

Ele estão me pedia para repetir [illegible] várias vezes, porque não entendia. Mas, daí, ele fez diversas preleções, [illegible] os reféns, usando este termo, [illegible] nos argumentos. Ele certo momento chegou a estabelecer diferença com os [illegible] realmente políticos para ser [illegible] na intenção mais profunda [illegible] que a deflagração de uma guerra [illegible]. Ele divagou, dando a entender [illegible] nada a ver com partidos. Devido [illegible] abordagem mais pessoal, [illegible] na forma, que não queria resolver [illegible] cial de ninguém, que gostava [illegible].

Essa entrevista foi na chegada [illegible] massa do dinheiro. Tudo [illegible] como os bandidos inclusive [illegible] sempre em pequena quantidade. [illegible] to algum fazendo atenção a [illegible] nem mesmo as autoridades [illegible] — se reafirmavam a todo [illegible] que nada tinham a perder.

Com tudo o dinheiro no interior [illegible] Moreno escolheu o grupo de [illegible] — que durante todo o tempo [illegible] tou de maneira muito digna. [illegible] ciou dizer que era um dos reféns [illegible] ficou separado dos demais, e a [illegible] de uma senhora que dizia ter [illegible] to expontâneo, uma funcionária [illegible] ofereceu para ir ao lugar dela.

Depois, foi estabelecido entre [illegible] pirto Moreno, para formar a [illegible] que protegeria a todos na entrada.

Os pulsos demais pessoas foram [illegible] frita vezes, e depois Moreno [illegible] assaltantes, ainda meio agitado [illegible] para fazer o serviço bem feito, [illegible] nos pulsos de uma senhora [illegible] a tocar. O pulso Moreno [illegible] que tome advertido. Daí todos [illegible] lá, e partimos para o interior [illegible].

Antes disso, foram solicitados [illegible] sendo que eram todos concordes [illegible] e assaltantes, porque muitos [illegible] usando então foi solicitado [illegible] e chocolate, como a alimentação [illegible] que seria para dar energia. [illegible] dades de água mineral.

Antes do ônibus partir, [illegible] vários alertas para que não [illegible] ciada da imprensa e nem da [illegible] ai as coisas poderiam se agravar [illegible] de tiroteios, não teve nem [illegible] este recado. Fomos para o [illegible] dizem se enfrentar. "Vamos [illegible] ai Ribeirão Bonito". Ai [illegible] riam chegar a São Paulo, [illegible] me. Começou uma discussão [illegible] o melhor caminho para lá. Saímos [illegible] lo e assim por diante.

Quando saímos da parte [illegible] já com destino a Santa [illegible] guidos por uma meio [illegible] Subimos então da entrada e [illegible] do motorista. Fomos [illegible] nos pediu para o ônibus [illegible] ra. O motorista desapareceu [illegible] ram, tivemos que parar para [illegible] que se afastasse e não [illegible] Estacionamos. Ficamos [illegible] tinha sido roubado. Fomos [illegible] e, finalmente, desapareceu [illegible] Fiata uma noite de muita tensão [illegible]

SOBRE O DIRETOR

Rodrigo Grota dirigiu os longas Leste Oeste (2016), Isto (não) é um Assalto! (2018) e Passagem Secreta (2020), além das séries de TV Super Família (2019) e Cientistas Brasileiros (2020). Formado em Jornalismo, foi repórter investigativo, sendo indicado ao Prêmio Esso em 2002 por uma reportagem sobre tráfico de drogas em Londrina. Conquistou mais de 60 prêmios em festivais nacionais e internacionais, com destaque para as 13 premiações no Festival de Gramado para a Trilogia do Esquecimento (2005-2010). Seus filmes já foram exibidos em mais de 15 países, incluindo sessões especiais na Cinemateca Francesa. Autor do livro Anotações para o Leste (2019), é idealizador do Dramátika-Núcleo de CineDramaturgia.

SOBRE O PRODUTOR

Guilherme Peraro produziu os longas-metragens Leste Oeste (2016), Isto (não) é um Assalto! (2018) e Passagem Secreta (2020), além das séries de TV Super Família (2019), Brincando com a Ciência! (2017) e Cientistas Brasileiros (2020). Engenheiro Civil e especialista em Gestão de Projetos, trabalhou em diversas áreas da construção civil e indústria do petróleo e gás, onde ganhou farta experiência internacional. Foi coordenador do Festival Kinoarte de Cinema, Mapa-Piá e Festival de Cinema da Lapa. Atual presidente do Arranjo Produtivo Local do Audiovisual de Londrina e Região.

Tensão no 1º. andar

Nem a Polícia e nem os assaltantes sabiam que no 1º. andar da agência centro do Banestado havia nove pessoas escondidas em uma sala.

Pelo rádio, elas puderam acompanhar tudo o que se passava a poucos metros dali. "Parecia um sonho", diz o psicólogo Carlos Roberto de Souza

Edson Vicente — Da Editoria Especial

Pouco depois do meio-dia de quinta-feira passada, o telefone de uma residência central de Londrina tocava insistentemente. Do outro lado da linha a angústia da moça com o telefone no ouvido aumentava a cada novo toque que não era atendido. Finalmente o fone é retirado do gancho e uma voz nervosa, em tom baixo e apressado, desabafa: "Estou bem, viu?"! Não sei como e nem quando sairemos daqui, mas não se preocupem, por enquanto está tudo bem".

A moça, junto com mais oito pessoas, estava há duas horas isolada em uma sala no 1º. andar da agência centro do Banestado. No térreo, sete homens armados praticavam o mais ousado assalto a banco já ocorrido em Londrina, mantendo cerca de 300 reféns e negociando com a Polícia as condições para que ninguém saísse ferido. Em frente à agência, como se assistisse a um filme policial, uma multidão se acotovelava, vaiando algumas atitudes dos policiais, e na maioria da vezes, aplaudindo a iniciativa dos ladrões.

Nem a Polícia, nem a multidão que se formou nas proximidades e nem mesmo os assaltantes sabiam da presença dessas pessoas, que se trancaram na sala do coordenador de crédito imobiliário do Banestado assim que notaram que alguma coisa anormal estava ocorrendo no andar de baixo. Entre elas, estava um psicólogo, Carlos Roberto de Souza, do Programa Psicotécnico da Universidade de Londrina, que, refeito do susto, pôde analisar friamente — e profissionalmente — a experiência que passou no dia do aniversário da cidade.

"Eu já estava saindo da sala do coordenador de Crédito Imobiliário, Jorge Brandalise, quando ele viu um mascarado, no andar de baixo, com uma arma de grosso calibre. Todos os funcionários daquela seção, eu e outro cliente que estava lá ficamos quietos, sem esboçar qualquer reação para não sermos notados. Até que muito depois — nessas horas a gente perde a noção do tempo — notamos que a movimentação não era tão grande. De onde estávamos, tínhamos uma visão parcial do andar térreo e parecia que os ladrões não tinham interesse em subir. Naquele momento senti que o pior — que foi o período em que passamos encolhidos, fechados na sala, sem saber exatamente o que estava acontecendo — havia terminado, pelos menos aparentemente".

Quando diz que o pior, aparentemente, tinha passado, Carlos se refere ao fato de, dali por diante, ele e outros que estavam no 1º. andar terem se sentido com liberdade de ação pelo menos no local em que se encontravam, longe da vista dos ladrões. "Todos usamos os telefones — a central não foi bloqueada — avisando os familiares ou amigos. Como minha esposa, Wilma, estava me esperando, ali perto da agência, telefonei para casa de um compadre, para que ele a avisasse. Depois liguei para o psicotécnico, onde já havia uma fila de gente me esperando para a realização dos exames de habilitação" — relata o psicólogo.

Calma aparente

E, nesta hora, o lado profissional do indivíduo se manifesta? No caso de Carlos, se manifestou, e ele pôde refletir sobre o estado emocional das pessoas que estavam com ele — entre elas uma senhora grávida. "Era visível que duas pessoas estavam mais tensas e eu tentei conversar com elas, dizendo que os assaltantes só queriam dinheiro, que não era nada com a gente, procurando tranquilizá-las. Na verdade, havia pessoas [illegible]

Carlos Roberto de Souza: "Não acredito que, numa situação daquelas, alguém, fosse assaltante ou refém, conseguisse manter a calma"

Analisando friamente, prosseg[illegible] go, "naquele momento a impr[illegible] ve é a de que parecia que tudo [illegible] parado para ser detonado no de[illegible] rio da cidade. Que se trazia [illegible] montada para dar uma demons[illegible] tisfação da população brasile[illegible] nentemente político".

Carlos conta que quando [illegible] todo o primeiro andar já um [illegible] ro, o grupo pôde ver a multidã[illegible] trava em frente à agência [illegible] do a polícia e aplaudindo [illegible] dos assaltantes. E todos se [illegible] mo tempo emocionados [illegible] uma emoção motivada pelo [illegible] não retirada dos populares [illegible] originar um tiroteio des[illegible]

"Parecia um son[illegible]

O psicólogo acrescenta [illegible] que sentiu — e que, acredi[illegible] ocorreu com todo o gru[illegible] assaltantes formaram o [illegible] protegendo-os de eventua[illegible] no ônibus. "Parecia um s[illegible] "Jamais pensei em passa[illegible] semelhante. Todos se sen[illegible]

Enquanto enfrentava o [illegible] curar aparentar calma e[illegible] encontravam no mesmo [illegible] pôde avaliar profissionalm[illegible] tava passando. "Notei que [illegible] tentavam demonstrar m[illegible] passo acreditar que algu[illegible] tante — conseguisse man[illegible] quela situação. E esta [illegible] principal arma deles para [illegible] o povo por mais de 6 ho[illegible] mas maiores. Não se pod[illegible] ram muito hábeis ao m[illegible] mento dos reféns sem ca[illegible]

Ainda de acordo com [illegible] go, isto tudo demonstra [illegible] o grupo de assaltantes er[illegible] segura e que conseguiu [illegible] féns pelo fato de ter lib[illegible] idade, as crianças e alg[illegible] tenho dúvidas — argume[illegible] à preparação deles com[illegible] gente via que eles conver[illegible] com os reféns, para não a[illegible] com muita convicção [illegible] corretos em sua tática [illegible] Era incrível esse fato de[illegible] sa" — comenta.

Uma aven[illegible]

Carlos Roberto lembro[illegible] do grupo que ocupava o [illegible] estar sendo assediado p[illegible] certa desvantagem em re[illegible] vam no térreo por não ter [illegible] ção, no sentido de saber o[illegible] tava se passando e tambem [illegible] nável expectativa de que [illegible] sem até onde se encon[illegible] momento.

"Parecia um filme de [illegible] assaltantes eram os mo[illegible] aplaudia-os muito e a gr[illegible] transparência do vidro" [illegible] sem ser analisado pelo p[illegible] mais a multidão queria se [illegible] perto [illegible]

E Dito segurou a barra

Dito, vendedor da seção de armas e munições dos Armarinhos Paulista, passou momentos de alta tensão nas mãos dos homens que, minutos depois, viriam assaltar a agência centro do Banestado

Apolo Theodoro

Você conhece o Dito? Garanto que muita gente não conhece. Mas o Dito, apesar de não ter saído nas manchetes, tem uma história muito doida para contar. Dito — e vamos abrir logo o jogo — pra quem não sabe, trabalha na seção de armas e munições de Armarinhos [illegible] foi ele, mais o taxista Arm[illegible] nho, e com muita sutileza e educação, assoprou na orelha de Dito: "É um assalto! Faça de conta que não está acontecendo nada — o 38 mirado na cabeça de Dito — e tudo sairá certinho e você poderá dar um beijinho no seu filho, logo mais à tarde. Certo?". Dito olhou em volta — loja [illegible] cebi que o que eles queriam mesmo eram as armas, deixei que levassem, pois qualquer atitude mais besta numa hora daquelas podia custar a vida de muita gente" — analisa o vendedor.

E a situação era [illegible] é mesmo [illegible]

VISÃO DO PRODUTOR

A história do Assalto ao Banestado ocorrido em Londrina e no dia de seu aniversário causou comoção em todo o estado do Paraná e também no país por ser um dos primeiros a ter pessoas como reféns em tão grande quantidade. Até hoje é uma memória muito viva para todo londrinense e que em uma das principais manchetes de jornal no dia seguinte ao assalto estampava "Um Dia de Cão em Londrina", referência direta ao filme de Sidney Lumet e de grande inspiração para a realização deste filme pois também é baseado em uma história real. Assim como grandes clássicos do cinema brasileiro e de grande sucesso de público como Assalto ao Trem Pagador, de Roberto Farias, e Lúcio Flávio - O Passageiro da Agonia, de Hector Babenco. É um projeto ambicioso para o interior do Brasil mas já bem estruturado devido ao histórico da produtora e através da realização do documentário sobre a mesma história, Isto (não) é um Assalto!

CINEMA POLICIAL

A narrativa policial se consolidou no cinema como um gênero popular há mais de 100 anos e tem contribuído para a indústria audiovisual com destaque em muitos países. No Cinema Brasileiro, entre as 20 maiores bilheterias da história estão filmes como Tropa de Elite 2 (11 milhões de espectadores), Lúcio Flávio - O Passageiro da Agonia (5 milhões) e Carandiru (4 milhões). Outras produções do gênero policial como Pixote - A Lei do Mais Fraco (1980), Cidade de Deus (2002) e Tropa de Elite (2007) também obtiveram reconhecimento do público internacional e da crítica, incluindo premiações e indicações ao Oscar e ao Globo de Ouro.

ISTO É UM ASSALTO!

No dia de seu aniversário, Londrina ganha um triste presente: a demonstração de que seu frágil esquema de segurança abre espaço para ações cada vez mais ousadas

Edson Vicente e João Arruda — Da Editoria Especial

Londrina está situada na rota internacional do tráfico de drogas e, por isso, é um centro de atração para os assaltantes, que encontram aqui não apenas uma cidade rica mas também com inúmeros pontos de fuga, inclusive pela zona rural, via distritos. Isso, sem contar que o setor de segurança enfrenta hoje deficiências que precisam ser sanadas com certa urgência, de modo a impedir a repetição de episódios como os de ontem — o assalto à agência Centro do Banestado e a tentativa de fuga na Cadeia.

A opinião é do promotor Paulo Darcy Cunha, presidente do Conselho Comunitário de Segurança de Londrina, para quem "a cidade deve acordar logo para evitar que os problemas hoje (ontem) verificados tornem-se ainda mais sérios". Cunha ressalta que, em relação a outros centros maiores, Londrina ainda não experimenta um quadro sombrio, mas caminha para isso, tanto assim que ele, na condição de promotor, vem constatando um aumento na criminalidade, através dos processos que chegam ao Fórum e que abrangem assaltos, furtos, crimes contra o patrimônio, sem falar nas questões relacionadas ao trânsito — hoje existem ali nada menos de 1.200 a 1.500 peças processuais que tratam exclusivamente deste setor. "Na periferia, principalmente, o índice de ocorrências tem sido alto. É preciso cortar o mal, antes que ele cresça".

"Cortar o mal", na opinião do promotor, significa um maior investimento no setor de segurança, visando basicamente a prevenção. E aqui ele aponta duas alternativas básicas: a implantação dos módulos-móveis e a criação da guarda municipal. No primeiro caso, trata-se de veículos Kombi, totalmente adaptados, com seis ou sete homens sob às ordens de um cabo-comandante, com sistema de rádio e espaço para levar presos. Em condições de deslocar-se rapidamente para diversos pontos da cidade, estes módulos podem desenvolver, na opinião de Paulo Cunha, um trabalho mais amplo e efetivo que o proporcionado hoje pelos módulos fixos.

O promotor ressalta que a idéia de criação dos módulos-móveis partiu do próprio secretário de Segurança Pública do Paraná, Antônio Lopes de Noronha, com a previsão de que este novo serviço estaria em pleno funcionamento até o final deste ano. A promessa foi feita em agosto, mas até agora não surgiram medidas concretas para efetivá-la. Há dez dias, por exemplo, Paulo Cunha participou de uma reunião em Curitiba para tratar do assunto e não conseguiu retornar a Londrina com uma definição. Na oportunidade, foi feita apenas uma nova promessa: a de sanar as deficiências do 5º. Distrito Policial, "que está sem viaturas e agentes", e instalação de uma unidade do Corpo de Bombeiros na região Norte de Londrina, que abriga milhares de pessoas em conjuntos habitacionais.

"A idéia dos módulos-móveis é, realmente, excelente, mas precisamos levá-la à prática o quanto antes" — lembra o promotor. "Um desses veículos tem condições de estar em quatro ou cinco lugares diferentes em curto espaço de tempo, proporcionando maior segurança à comunidade". No caso deste serviço vir a ser implantado, Paulo Cunha não tem dúvidas de que Londrina será a primeira cidade do País a contar com esta atividade, que certamente servirá de exemplo para muitas outras. "Trata-se de uma medida de suma importância, pois através dela é possível trabalho de prevenção junto, por exemplo, à Universidade, portas de colégio e pontos críticos com a contribuição de diversos setores, como o comércio e a indústria, e seria formada por pessoas que estejam radicadas na cidade por pelo menos dez anos, portanto, identificadas com a vida de sua gente". Conforme o promotor, a guarda teria autonomia, mas obviamente desenvolveria uma atividade conjunta com as Polícias Civil e Militar. "Esta atividade já existe em várias cidades do interior de São Paulo, com ótimos resultados, e deverá chegar agora até mesmo à Baixada Fluminense".

O promotor ressalta que o Conselho Comunitário de Segurança continuará gestionando junto aos Governos Estadual e Municipal para a implantação o quanto antes dessas medidas, de forma a refrear o índice de violência e oferecer maior tranquilidade à população. "O quadro é preocupante, como bem demonstram os episódios desta quinta-feira. Por isso precisamos agir com rapidez para evitar que a situação fique ainda mais crítica".

Uma cidade insegura

Já para o juiz corregedor Edson de Jesus Deliberador, que tem notado "nesses dias um aumento nos crimes violentos, que causam alarde na população", isto é consequência dos tempos de crise que o País atravessa e da própria época, de final de ano, em que se verifica o crescimento do volume de dinheiro circulante no comércio e nos estabelecimentos bancários, "o que, sem dúvida, é um forte atrativo para os delinquentes e essa gente acostumada à prática de crimes contra o patrimônio".

Deliberador é taxativo quando fala das condições de segurança da cidade. "Eu não acho Londrina uma cidade segura. Nosso esquema nesse setor é — e sempre foi — deficiente, assim como em todo o Estado do Paraná. E principalmente o interior, que é relegado a segundo plano e sofre com um esquema de segurança precário e deficiente" — afirma.

A solução, no entender do juiz corregedor, não está no aumento do efetivo das polícias Civil ou Militar, mas sim numa mudança radical na estrutura dos órgãos de segurança: "Talvez aumentar pura e simplesmente o número de policiais, nas atuais circunstâncias, seja até contra-indicado. A saída, na minha opinião, é aprimorar o aparelhamento policial já existente, com a escolha de elementos capacitados para exercer essa função".

E a já tradicional desculpa dos baixos salários para justificar o despreparo de agentes e soldados da PM não convence Deliberador. Para ele, a falta de preparo do pessoal que ingressa na Polícia deixou de ser consequência para ser até causa do aviltamento salarial. "É preciso modificar a estrutura desses organismos de segurança e a mentalidade dos policiais. Nessas alturas teríamos que escolher, selecionar melhor os profissionais que ingressam e reciclar o Alto Comando, inclusive para ver quem deve permanecer e quem deve ser dispensado" — sentencia.

Também para o presidente da subseção local da Ordem dos Advogados do Brasil, Jorge Aidar, Londrina deixa muito a desejar em termos de segurança. Mas ele lembra que hoje nenhuma cidade do Brasil pode ser considerada segura: "O aparato policial é deficitário, faltam máquinas, homens e armamentos. Enfim, falta estrutura. E sem contar a própria corrupção policial, que ninguém pode negar existe e aumenta dia a dia".

Aidar faz questão de opinar que o assalto de ontem ao Banestado parece ser obra de "profissionais", de gente muito bem preparada, "pela forma como foi conduzida a operação". Mas enfatiza que, quando analisada a criminalidade e a violência de maneira generalizada, não se pode esquecer que a situação política e social do País contribui para isto, "pois é desesperadora". A segurança notada no dia-a-dia, o conflito social influencia, gerando maior tência maior de crimes" — ressa

Organismos viciados

Ele concorda com o juiz Ed Deliberador de que o aumento d cial não solucionaria o problem dade. "Com mais Polícia na ru rentemente, uma maior segura de sua presença ostensiva. Ma forma que terminaríamos ou ocorrência de crimes. Nem cri ganismos de segurança conse — argumenta. "Um exemplo é nicipal de São Paulo, criada p nio Quadros. Ela não só não mero de crimes como está sen corrupção e de truculência, m núncias feita por alguns eleme corporação sobre a ação contr da periferia paulistana. De qu um novo organismo se ele já n

Jorge Aidar é pessimista em nuidade da violência e da cri gente não sabe o que vai ac mesmo o que dizer aos nosso f do vemos uma população quer e não encontrando. Se não ad honesto, acaba encontrando nesto de ganhar a vida, de sust Isto não se justifica, mas não que é uma situação real" — di

Sem ser contraditório, A que assaltos a bancos e a geral são uma realid universal. "A mais avan

Em um ano, seis bancos

O assalto à agência Centro do Banestado de Londrina surgiu como uma espécie de "coroamento" de um ano em que a cidade assistiu a nada menos que outras cinco ações semelhantes — embora nenhuma delas tenha registrado o grau de profissionalismo dos sete homens armados que ontem dominaram a cena e atraíram para si toda a atenção. Mas essa constatação, logicamente, só terá validade, caso as agências bancárias londrinenses consigam chegar até o dia 1º. de janeiro de 88 sem o sobressalto das armas apontadas para seus funcionários e clientes.

Os assaltantes já demonstraram especial preferência pelo Banestado. Tanto assim que neste ano visitaram os postos do banco estatal paranaense localizados no Hospital Evangélico, na Prefeitura e no campus da Universidade Estadual de Londrina, além da agência da Rua Maringá. E ontem alcançaram a agência centro, a maior de todas. Para fechar o "cerco" falta agora apenas a Ouro Verde, no cruzamento das avenidas Rio de Janeiro diram o posto do Banestado no "campus" da UEL e levaram 1,5 milhão de cruzados, que também seriam destinados ao pagamento dos funcionários da instituição. Na oportunidade ficaram feridos João Afonso, João Goddi Bueno e Antonio da Silva que estavam no interior do posto juntamente com outras 24 pessoas que foram obrigadas a se deitar no chão sob a ameaça das armas. Toda a ação não durou mais que 10 minutos e, na fuga, os assaltantes levaram como refém o vicegerente José Seixas, que apesar de não sair ferido, por muita sorte não foi morto na troca de tiros com o supervisor de segurança da UEL, Wilson Rodrigues. Houve tumulto no "campus" e os ladrões conseguiram fugir no mesmo táxi que os havia levado até lá.

Novamente dois meses depois, no dia 28 de novembro, seis homens fortemente armados renderam o vigilante, 2 funcionários e 3 clientes do posto do Banestado localizado no Hospital Universitário e levaram Cz$600 mil. Conforme a Polícia, a técnica empregada pelos ladrões obedeceu às mesmas características de outros assaltos cometidos na re- de 3 minutos, esva-

O crime na boca do povo

"Bem feito! Ninguém mandou mudar o feriado de aniversário da cidade para segunda-feira. Se o feriado fosse hoje, os bancos estariam fechados e nada disso aconteceria" — tira de letra um conhecido gozador londrinense neste 53º. aniversário que se transformou num verdadeiro "dia de cão" em Londrina.

O enredo foi bem feito. Na tarde do dia 9, um bem vestido senhor, de cavanhaque e de voz espanhola da chega no departamento de armas e munições dos Armarinhos Paulista, procurando saber das exigências para se comprar uma pistola 765. Dito, pai de 2 filhos, funcionário da loja há 10 anos, deu todas as informações: xérox dos documentos pessoais mais um atestado de boa conduta e residência. O "barbicha" agradeceu e disse que voltaria no dia seguinte com a documentação exigida.

Dia 10 de dezembro de 1987, por volta das 10 da manhã. O "barbicha" toma um táxi no centro da cidade e se dirige até um hotel. Volta acompanhado de um outro elemento. Juntos, eles vão até o aeroporto, onde um terceiro se junta à dupla. Voltam para o centro da cidade, pagam em fresta [illegible] armados Pau- não queremos machucar ninguém. Só queremos o dinheiro. As senhoras mais idosas, as mulheres grávidas e as crianças podem sair'. Uns caras muito sensíveis. E muito bem organizados, também. Só falavam por código: era 02 pra cá, 07 pra lá..." — e o crioulo estilugava os detalhes.

Mas tinha uma coisa que chamava a atenção no nosso "dia de cão", que se podia perceber na cara de todos e que foi sintetizada por um magrinho cheio de malícia:

"Eu fico até satisfeito quando alguém rouba um banco, eles roubam a gente a vida inteira. Só sou contra essa história de pegar reféns, que não têm culpa de nada" — e todos assentiam com a cabeça.

E a conversa se espichava cada vez mais. Um magrelo de barba rala dia que foi tudo planejado: que enquanto os bandidos assaltavam o banco, seus comparsas invadiram a delegacia e soltaram 3 presos. Do meio da roda alguém comenta: "Ih! Com este monte de polícia aí, vai dar cagada. Algum tira pode querer dar uma de herói e isso aí vai virar a maior carnificina." Pela Rádio Paiquerê — que fez brilhante trabalho de reportagem — o locutor de estú- saber do repórter de cam- uma arma pesada" e

A única preocupação era manter a calma, afirma padre Cláudio

Após ter sido liberado juntamente com os demais reféns, pelos assaltantes do Banestado, o padre Cláudio Marinoni, 33 anos, chegou em Londrina apressado para celebrar a missa das 18h30 na Paróquia dos Cinco Conjuntos e, em seguida, participar de uma comemoração na creche do Conjunto Luís de Sá. Da experiência, padre Cláudio afirma que, em nenhum momento, pensou em um final diferente para a situação dos reféns. "Eles (os assaltantes) nos trataram muito bem. A minha única preocupação era manter a calma entre todos" — disse, tentando disfarçar o cansaço provocado pela tensão de mais de 36 horas sem dormir.

Na manhã de quinta-feira, padre Cláudio dirigiu-se ao Banestado para pagar a conta de água e por da paróquia que dirige. Ainda na fila para aguardar atendimento do caixa, o padre viu quando dois dos assaltantes entraram armados, avisando que aquilo era um assalto. "Naquele momento em que as pessoas eram obrigadas a deitar no chão pensei em revelar que sou padre para tentar manter a calma" — conta, acrescentando que não hesitou em oferecer-se como refém assim que os assaltantes iniciaram a preparação para a fuga.

Segundo o padre Cláudio, estabeleceu-se um clima de bom entendimento entre os assaltantes e os reféns, o que proporcionou confiança no desfecho daquela situação. "Não tivemos momentos de tensão nem de medo, durante a fuga. Acho que todos rezamos muito, com muita fé. O líder do grupo de assaltantes gostou muito que eu permanecesse no meio deles" — afirma padre Cláudio que é italiano, está há 4 anos no Brasil e 2 em Londrina.

Padre Cláudio ofereceu-se como refém e não hesitou em afirmar que repetiria a experiência

Investir em líderes

Durante a ação o grupo de assaltantes atribuiu ao Governo a culpa pelo assalto, condenando a situação de pobreza do povo brasileiro. "Acho que as palavras deles (assaltantes) estão corretas quando falam da pobreza dos brasileiros. Desde que cheguei a Londrina estou numa paróquia situada em bairro de pessoas carentes, muito pobres. Mas a forma de trabalhar com este problema, a maneira do assalto não acho correta" — afirmou.

Para ele, ao invés de investir o produto do roubo na compra de armas, seria mais proveitoso que os assaltantes investissem na formação de líderes comunitários.

Eles diziam que comprariam armas potentes com o dinheiro do assalto. Isso não vai acabar com a pobreza do povo brasileiro" — justifica o padre, enfatizando que existem outras maneiras de atingir este mesmo objetivo, sem provocar um tipo de ação como esta "que não leva ao ponto desejado".

Falta de segurança

Enquanto permaneceu como refém, padre Cláudio conta que pensou na falta de segurança existente atualmente. "Estamos numa situação tal que saímos de casa sem sabermos se iremos voltar para casa, como aconteceu com toda aquela gente ontem (quinta-feira) no banco". Momento de insegurança, durante a fuga, os reféns só tiveram quando a polícia de Ural e Cornélio Procópio insistiam em perseguir o ônibus em que estavam, segundo o padre. "Também a imprensa não deu bom exemplo, não cumprindo as ordens dos rapazes (assaltantes)" — disse.

Medo foi algo que padre Cláudio não conheceu nesta experiência. "Quando me ofereci como refém, pensei muito nas consequências. Mas medo, sinceramente, não sei o que é ainda. Esta foi uma experiência totalmente nova. A escolha por ser refém foi minha e a intenção era manter a calma entre assaltantes e reféns. Certamente repetiria a experiência" — garantiu padre Cláudio.

Borracha, o motorista

Um homem de 50 anos de idade e com uma humilde posição perante jornalista, advogado, delegado e tenentes-coroneis, tornou-se um personagem influente junto aos 7 rapazes que, na amanhã de quarta-feira, dia do aniversário de Londrina, assaltaram a agência do Banestado. O motorista Luís Augusto dos Santos, popularmente conhecido como Borracha, que foi encarregado de tapetão, de transportar os contrabandistas na sua desesperada tentativa de escapar do cerco policial. Mas do que simplesmente manobrar o volante do ônibus, Borracha foi a pessoa mais solicitada — e talvez a única — pelos assaltantes, nos momentos em que estes necessitavam de qualquer tipo de informação. Referente, por exemplo, à qual o lugar mais tranquilo para se descansar, o melhor ponto da estrada para se interceptar um ônibus-leito da Viação Garcia ou até mesmo a direção a ser tomada durante a fuga.

Exaustivamente procurado por repórteres de rádio e televisão, o motorista concordou em conceder entrevista à *Folha* — a primeira depois de liberados pelos assaltantes no Trevo de Ural — somente após anúncio oficial de que o restante dos reféns já estivessem sob liberdade.

Calmo e bastante aliviado, ele descreveu o impacto que sofreu após ter sido indicado por um amigo do médico Antônio Calixto, do qual é motorista particular, para dirigir o ônibus que, mais tarde, seria usado na fuga dos assaltantes.

Borracha, no volante do ônibus que transportou os assaltantes: "Eu faria tudo de novo, se preciso"

"Eu vou"

— A ordem do patrão era de levar o ônibus até o banco e entregar as chaves. Quando estava indo embora, o delegado Vandercl Cezal Fernandes pediu para que eu esperasse um pouco. Ele me perguntou se eu estava disposto a assumir o volante, apesar dos riscos que inevitavelmente iria correr. Prontifiquei-me a ir e fui apresentado aos assaltantes, que me pediram os documentos. Daí eles disseram: "Fica por aí que você vai com a gente". Nesta momento a responsabilidade pesa, mas aceitei sabendo que teria que fazer exatamente aquilo que eles quisessem.

Borracha conta que aceitou espontaneamente a incumbência com um só pensamento: ajudar todos aquelas que, naquela hora, passavam dificuldades. "Senti que era minha obrigação salvar a salvar a vida dos reféns" — revela. Embora ser um sujeito frio, capaz de suportar emoções fortes como esta. A frieza e tranquilidade Borracha dedica a um assalto ocorrido há mais de 15 anos em uma das lojas de autopeças da cidade.

"Foi lá na Auto Peças Londrina, que existe até hoje e fica perto da esquina da Duque de Caxias com a Paraná. Estava conversando com dois amigos, à meia porta, quando o ladrão entrou e perguntou se podíamos ceder-lhe uma peça. O dono disse que sim e mais três pessoas entraram, depois de deixar um carro em funcionamento do lado de fora. Me lembro que eram uns caras conhecidos pela Polícia e considerados perigosos. Levei uma coronhada na cabeça e nem assim perdi a calma. Era eu quem tinha que acalmar os meus companheiros."

Tensão e coração

Voltando ao assalto ao Banestado, Borracha lembra com nitidez a hora em que procurou por seu filho mais velho entre a multidão de curiosos que tomou conta do cordão de isolamento. Revelou-lhe que iria junto com os assaltantes. Conversou antes com a esposa, que tem problemas de coração. Naquele mesmo dia, inclusive, tinha uma consulta marcada com o cardiologista para as 2 e meia da tarde. Explicou demoradamente à mulher os riscos que estava correndo e ao mesmo tempo a sua disposição de contribuir para que o assalto não terminasse em tragédia. Pediu umas orações e se mandou.

O momento de maior tensão, conforme explicou, foi quando o ônibus deixou o centro da cidade e foi perseguido pela reportagem, contrariando uma das principais exigências dos contraventores: a de que não houvesse perseguição por parte da imprensa e dos policiais, sob a ameaça de abrirem fogo.

— Foi o único momento em que os assaltantes deram ordens mais severas e ameaçaram atirar se a perseguição não cessasse. O chefe deles, o Moreno, chegou até o coronel Brueckmann (comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar) e tacou: "Vai acontecer uma desgraça aqui". Neste momento o ônibus parou para o Paulo Ubiratan (repórter da *Folha*) avisar para que a imprensa parasse de perseguí-los.

Quando conseguiram interceptar um carro-leito da Viação Garcia, próximo ao trevo de Ural, os assaltantes rarrigaram os malotes com o dinheiro e os reféns e redirigir ao Borracha, com toda a educação, a sua "palavra de homem" de que, ao retornar, iria desviar de postos policiais e conduzir o ônibus "bem devagarinho", para que os assaltantes tivessem tempo suficiente para despistar prováveis perseguidores.

— Dei minha palavra. E cumpri.

Um fato interessante é que Borracha, que diz não ter sentido medo em momento algum, passou seus instantes de maior nervosismo justamente quando retornava com o ônibus vazio para Londrina. "Pensei no que poderia acontecer com eles" — disse, referindo-se aos reféns e mais 45 passageiros que, segundo suas estimativas, estavam no carro da Garcia. Antes de iniciar a viagem de volta, Borracha fez questão de conversar com Tonicho — um velho conhecido dos tempos em que trabalhava para a empresa — para dar-lhe uns conselhos. "Faça o que eles quiserem e nada vai te acontecer" — aconselhou.

Pijama de madeira

Casado, com 6 filhos maiores, paulista de Ourinhos, onde nasceu no dia 10 de outubro de 1938, Borracha trabalhou a vida inteira como motorista. Primeiro na Viação Franciosi e depois como caminhoneiro. Seguia sua rota pelo Banco Mercantil de São Paulo, passou pela Viação Garcia, enfrentou 5 anos em Curitiba como motorista particular do então vice-governador Odávio Cestário Pereira Junior (Jaime Canet era o Governador) e está há 2 anos prestando serviços para o médico Calixto. "Adoro essa terra. Só saio daqui com um pijama de madeira" — brinca, dando gargalhadas e recebendo constantemente tapinhas de apreço e consideração de amigos e clientes do Instituto de Hematologia, onde seu patrão trabalha. Depois, tomando um café, brincando, compenetra-se por instantes e emenda:

— Eu faria tudo de novo.

O dia em que a Redação virou notícia

A Redação da *Folha*, que normalmente capta notícia, transformou-se ontem na própria. Foi o que aconteceu ontem diante da expectativa do retorno do nosso repórter Paulo Ubiratan, um dos reféns do assalto e sequestro do Banestado. Com os demais reféns, ele foi liberado por volta das 11 horas na rodovia Castelo Branco. Sua primeira providência foi telefonar para o Jornal e pedir notícias de sua família. Depois fornecer algumas informas sobre o episódio. Recebeu, então a determinação de retornar a Londrina fretando um táxi. A partir daí o clima na Redação mudou. Emocionados, os colegas cuidaram de ornamentar a Redação com balões, cartazes e uma faixa onde se lia: "Paulo, somos mais você". "Paulo, nosso herói". Em sua mesa de trabalho foram colocados inúmeros bilhetes, expressando a admiração dos colegas pelo feito. Equipes das televisões *Manchete* e *SBT* vieram filmar o clima e entrevistar diretores do Jornal e colegas da Redação. A cada instante mais um bilhete era afixado, quer nas paredes, quer na mesa de trabalho. Durante toda a tarde perdurou o clima de ansiedade e expectativa. No rosto de cada um a expressão era de orgulho pelo colega que se ofereceu como mediador, libertou pessoas, seguiu como refém com os bandidos mas nunca esqueceu o principal: era o repórter em pleno exercício de sua profissão, como comprova a entrevista que generosamente pediu para que fosse cedida a outros colegas, quando podia ser exclusiva para o Jornal. Esta aliás, é mais uma faceta do caráter generoso de Paulo Ubiratan.

A Redação da Folha tornou-se o centro da imprensa nacional ante a expectativa do retorno de Paulo Ubiratan. Até balões foram colocados ao alto da mesa de trabalho

Às 17h5m, a explosão de alegria: o repórter retornava à Redação. Entre gritos e palmas, sorrisos, abraços e graciejos, ele foi recebido pelos colegas e pela imprensa de outros órgãos que o esperavam. Não veio sozinho. Entrou no Jornal acompanhado do padre Cláudio, outro refém, e dizia: "O herói é ele". Imediatamente foi cercado diante dos holofotes, microfones e até mesmo dos telefones, pois emissoras de rádio pediram linha direta com a Redação a fim de transmitir a chegada do profissional. Depois das entrevistas, Paulo foi fazer aquilo que gosta: trancou-se numa sala com seu colega João Arruda e fez o relato que o leitor encontra, em parte, na última página desta edição; a outra parte será publicada amanhã.

Mas as emoções não pararam aí. Instantes depois chegava à Redação Tânia, a esposa de Paulo. Não veio só. Trazia no colo o filho do casal, Bruno, de [illegible] vizinhos Michele. Mo[illegible] abraçou-se ao filho e a [illegible] outras crianças que [illegible] pais se ocuparam dos bagagens [illegible] vam à Redação.

Tânia: 24 horas de sofrimento

Uma das mulheres que mais sofreram com o assalto-sequestro na agência-centro do Banestado foi Tânia Maria do Prado, 28 anos, esposa do repórter Paulo Ubiratan. Na tarde de ontem, logo que foi informada sobre a chegada do marido, ela veio ao seu encontro na Redação da *Folha*, trazendo no colo o pequeno Bruno Cezar, de 1 ano e 10 meses, o único filho do casal. Bruno quer brincar com as bexigas penduradas na Redação para recepcionar Ubiratan. Tânia sorri a todo instante, demonstrando muita alegria, apesar de ainda transpaticada pelas 24 horas de sofrimento. Depois de um primeiro contato com o marido, que no momento é cercado por jornalistas de diversos jornais, rádios e TVs, Tânia retorna para a Redação e conversa rapidamente com os redatores da editoria de noticiário local.

O primeiro contato do jornalista Paulo Ubiratan com a esposa e o filho [illegible] 24 horas de tensão

As respostas são curtas e as frases nem sempre se completam. Tânia ainda está traumatizada com os acontecimentos, que colocaram seu marido e outras centenas de pessoas em posição de risco de vida. Mas as idéias são claras, a alegria se estampa na euforia das palavras, ditas rapidamente como se o assunto tivesse que ser tratado e encerrado rapidamente. Tânia perfeitamente que o marido saiu de casa às 11h20m, sem ainda ter almoçado, pois pretendia retornar para casa antes de se dirigir ao trabalho. Não passou muito tempo e veio o aviso: Paulo estava fazendo a cobertura de um assalto-sequestro na agência-centro do Banestado. "Não acredito que ele estivesse no banco porque não fazia muito tempo que ele tinha saído de casa."

Confirmação pelo rádio

Por uma emissora de rádio, a confirmação veio pior que o esperado: Paulo Ubiratan tinha se oferecido como refém, para tentar uma negociação com os assaltantes. A essa altura Tânia não sabia se sentia revolta ou desespero. Comentava alguns radialistas que o ato do repórter da *Folha* tinha sido impensado. Alguns foram maldosos, chegando a afirmar que "tudo não passava de uma necessidade de promoção profissional". Tânia ouvia tudo com aflição, chegando em alguns momentos a até ser influenciada por tais tipos de afirmações.

Não almoçou e tampouco jantou. Dormir foi impossível na madrugada de ontem. Além dos telefonemas de todo o Brasil, Tânia atendeu amigos e familiares do casal. As informações transmitidas pelas emissoras de rádio e os contatos frequentes com o tenente Machado, do 5º Batalhão da Polícia Militar, era os únicos meios de saber sobre o paradeiro do ônibus que transportava assaltantes e reféns. A expectativa era de que a qualquer momento alguma notícia com fosse transmitida por algumas das fontes, se bem que a esperança era de um fe[illegible] cabeça ferida. Eu e m[illegible] muito."

A boa notícia, 24 horas [illegible]

A boa notícia veio p[illegible] ras de ontem. Tudo vol[illegible] reféns haviam sido libert[illegible] Tânia voltou. A vida [illegible] momento. A raiva qu[illegible] momentos pela atitude [illegible] de ter razão: "Análise [illegible] tinha se oferecido como [illegible] guar, que ele tinha fei[illegible] Encerrando a conversa [illegible] dação pergunta: "Mesmo [illegible] dar seis pulões de cerdo[illegible] ponde: "Não vou bem a [illegible] desde que ele não faça [illegible]

Participaram dessa cobertura os repórteres Áureo Nogueira, [illegible] Fischer, Antônio Roberto Navarro, Walter Ogama, Paulo Ubirat[illegible] Meira, Alzinar Ranalho, Roane de Barros, Edneison Alve[illegible] Debertolis e o editor local Edilson Leal. As fotos são de Milton [illegible] Luís Nachi, Jonas de Carvalho e Dorico da Silva

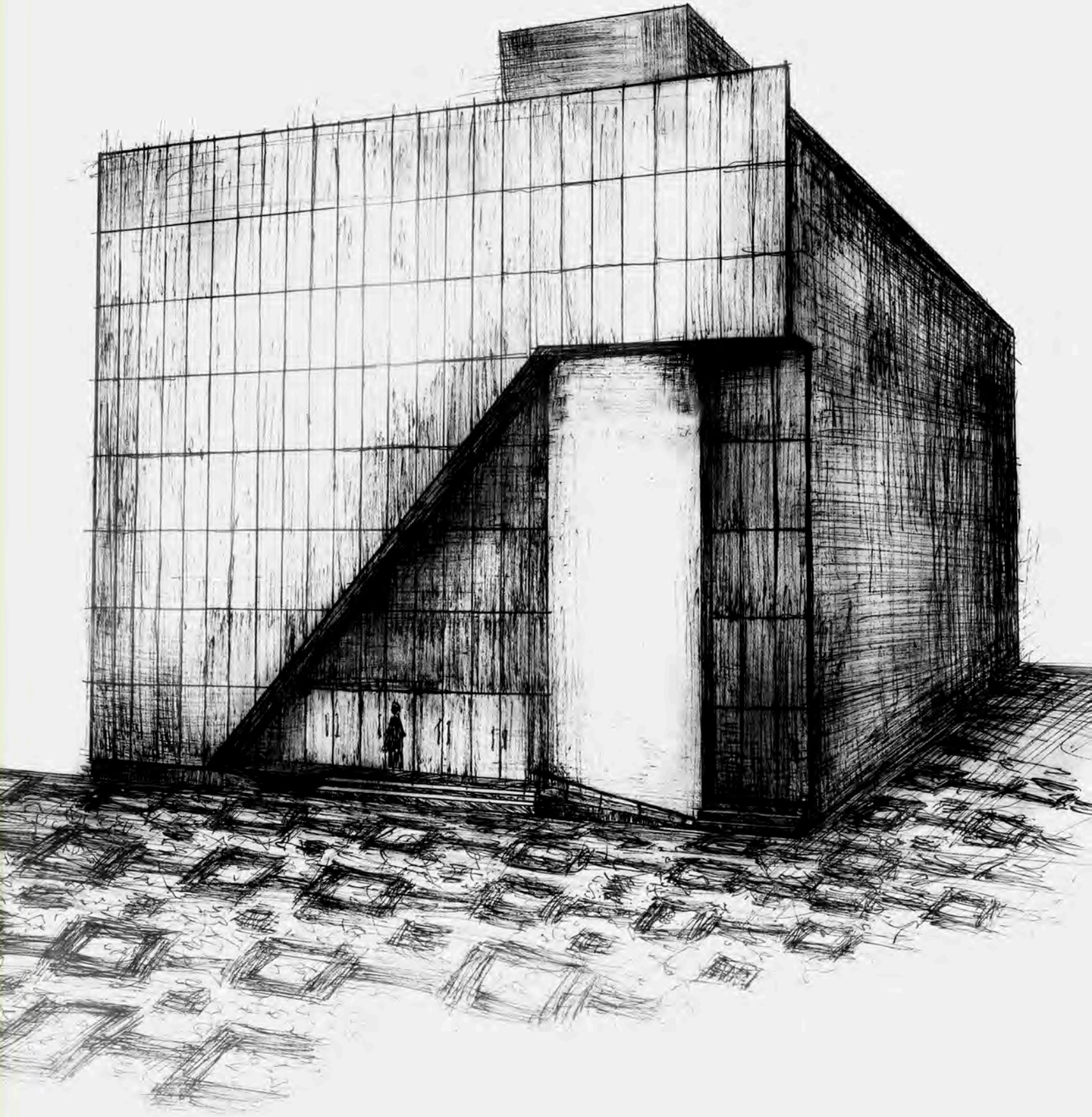
FOTOS DO EPISÓDIO REAL DO ASSALTO

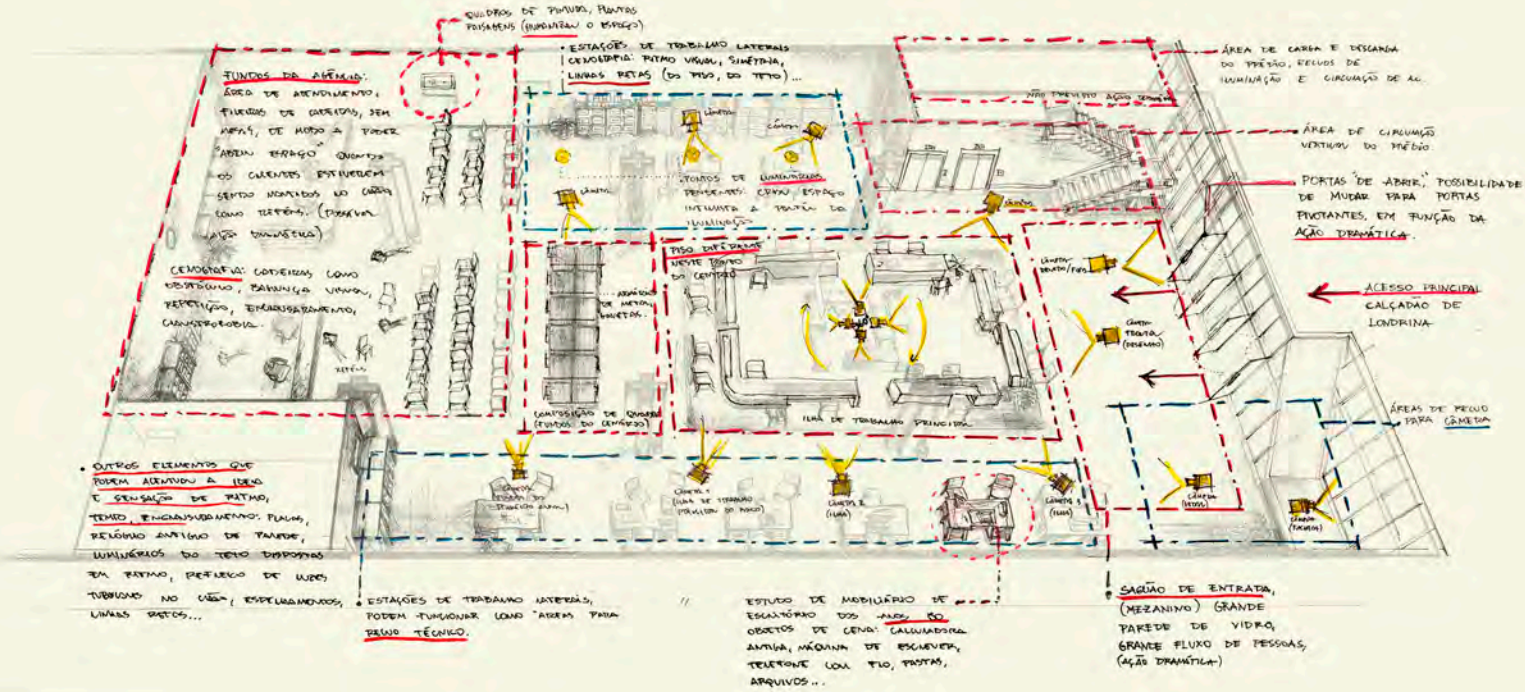
POUPANÇA
RECEPÇÃO
10ª S.D.P. - LONDRINA
BOMBEIROS

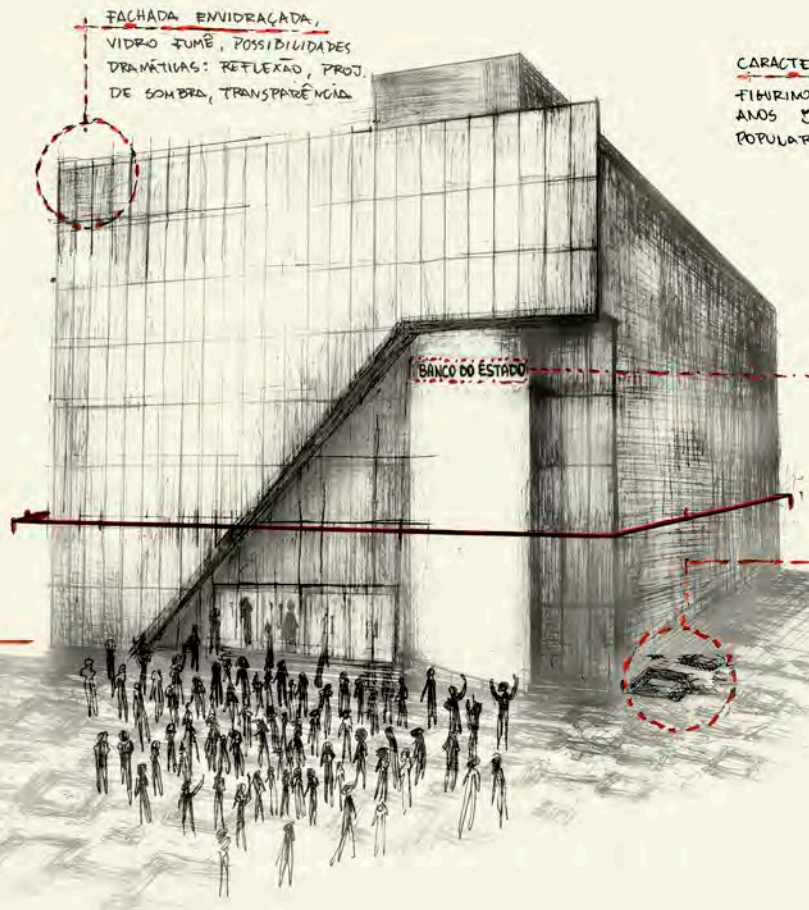
72
CÂMBIO
EXCHANGE

PILOTO
ROUBO A BANCOS

STORY BOARD







4º PAVIMENTO

TÉCNICO, ACESSO À COBERTURA DO PRÉDIO, VISTA DO CALÇADÃO. (NÃO PREVÊ AÇÃO DRAMÁTICA)

3º PAVIMENTO

SALAS ADMINISTRATIVAS, SALA DO GERENTE REGIONAL DO BANCO (GERSON) - AÇÕES DRAMÁTICAS

2º PAVIMENTO

SALA SECRETA E COFRE DO BANCO (PORTA E INTERIOR) - AÇÕES DRAMÁTICAS

TÉRREO: ACESSO PRINCIPAL

AÇÕES PRINCIPAIS, CONEXÃO COM A RUA, CABER GRANDE NÚMERO DE PESSOAS (FIGURAÇÃO).

CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS:

FIGURINO, CABELOS, MAQUIAGEM DOS ANOS 80 EM LONDRINA. LOJAS POPULARES, PESQUISA EM FOTOS...

POSSIBILIDADE: RECRIAÇÃO DO LETREIRO: "BANCO DO ESTADO" PARA A FACHADA

PISO DE PETIT PAVÉE DO CALÇADÃO: RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL DE LONDRINA DOS ANOS 80

ORÇAMENTO E PLANO DE FINANCIAMENTO

Orçado em **R$5,5 milhões** divididos em **R$2,5 milhões** através de leis de incentivo e o restante através de editais governamentais e aportes privados.

R$ 5,5 MILHÕES

R$ 2,5 MILHÕES
LEIS DE INCENTIVO

R$ 3 MILHÕES
EDITAIS GOVERNAMENTAIS E APORTES PRIVADOS

Moreno, o chefe do assalto ao Banestado

Manoel Antônio Rodrigues, o Moreno, que comandou o assalto à agência centro do Banestado em Londrina no dia 10, foi apresentado ontem à tarde à Imprensa. Moreno disse que não sabe onde está o restante do dinheiro do assalto (aproximadamente Cz$5 milhões) e negou que tenha dado Cz$1,5 milhão para que o advogado Hamilton Laertes de Oliveira dividisse com o comandante do 5º. BPM e com o delegado Vanderci Corral Fernandes. Durante a entrevista coletiva, Moreno relatou detalhes do plano, assalto-sequestro e fuga. Ele disse também que jamais pertenceu aos quadros da Polícia Militar ou do "Esquadrão da Morte" de São Paulo.

Pág. 6

...anço
...o em
...e ano,
...anhia
...alhão,
...da Sil-
...istradas
...a mor-
...rimentos
...motorista
...quase to-
...lentes e
...ticas, as
...m avanço
...rencial e
...falta de
...e excesso
...ados foram
...palestra de
...ª. Semana
...ão de Aci-
..., promovi-
Pág. 4

...strução ...rbano

...ma segunda-
...Terminal de
...o Urbano de
...i centralizar
...paradas finais
...ade, hoje espa-
...sos pontos. A
...anha pela Cons-
...o contrato foi
...os seus direto-
...Wilson Morei-
...situar na Rua
...ao lado do
...dre Carlos
...terá 208
...oncluir a
...á modi-
...stema de
...dade e in-
...nos cole-
...ou ontem o
...a.
Pág. 4

LEIS DE INCENTIVO

PROJETO APROVADO NA LEI DO AUDIOVISUAL
(LEI Nº 8685/93) NO ARTIGO 1º-A

TOTAL PARA CAPTAÇÃO: R$ 1.500.000,00

PASSO A PASSO DO INVESTIDOR:

• **PASSO 1**: Empresas tributadas em lucro real podem investir em produções cinematográficas aprovadas pela ANCINE no Artigo 1º-A. A empresa deve fazer a estimativa do valor de investimento a ser realizado, limitado a 4% do IR devido. A empresa deve estar atenta aos prazos dos investimentos para que possa gozar dos incentivos fiscais.

• **PASSO** 2: Determinado o valor que será investido, a empresa seleciona os projetos culturais que receberão os investimentos. Os projetos devem estar aprovados junto à Ancine pelo Artigo 1º-A. É facultado à empresa patrocinadora estabelecer um contrato de patrocínio, formalizando a relação entre as partes.

• **PASSO 3**: O investidor deve depositar o valor desejado (até 4% do seu IR) para o patrocínio na conta bancária do projeto (aberta e supervisionada pela Ancine) até o último dia útil do ano corrente, para as empresas que fazem pagamento anual de IR. Para gozar dos incentivos fiscais a empresa deve fazer o investimento dentro de seu período de apuração do IR.

LEIS DE INCENTIVO

•**PASSO** 4: Após o depósito, a entidade que propôs o projeto irá emitir um Recibo de Captação e enviar ao patrocinador, sendo que este servirá como comprovante para que a renúncia fiscal se efetue. O Recibo de Captação tem modelo especificado pela Ancine.

•**PASSO** 5: O desconto do valor do patrocínio (limitado aos 4% do IR devido) virá no momento da Declaração do Imposto de Renda, a partir de seu lançamento nos cálculos. A empresa investidora deverá acompanhar a execução do projeto e suas ações de marketing cultural.

PESSOAS FÍSICAS PODEM INVESTIR ATÉ 6%
DE SEU IMPOSTO DE RENDA DEVIDO.

BENEFÍCIOS: INSERÇÃO DA LOGO DA EMPRESA NAS CARTELAS DE INÍCIO E NOS MATERIAIS GRÁFICOS DO FILME.

*A empresa que investe na Lei do Audiovisual é percebida como empresa saudável. Assim, o uso dos benefícios fiscais não acarretará maior fiscalização sobre a Empresa.

Assaltantes do Banestado caçados por 200 policiais

Numa verdadeira caçada humana, os sete assaltantes estão encurralados em uma área de cerca de 500 alqueires de eucaliptos perto de Sorocaba

Cerca de 200 policiais do Estado de São Paulo, com 50 viaturas, três helicópteros e 20 cães amestrados, participam do cerco aos sete assaltantes da agência Banestado em Londrina, nas proximidades da Fazenda da Duratex Florestal, numa área de cerca de 500 alqueires de eucaliptos, a 20 quilômetros do centro da cidade de Sorocaba.

Essa verdadeira caçada humana que mobiliza inclusive tropas de elite da polícia da capital paulista começou ontem de manhã no KM-94 da Rodovia Castelo Branco, quando o sargento Antonio Fernando da Silva, de 48 anos, e o soldado João batista de Camargo, ambos da Polícia Rodoviária Federal, abriram fogo contra os assaltantes que naquele momento ocupavam uma caminhoneta fargão amarela de placa QC 6449, de São Paulo. No tiroteio eles conseguiram fugir, mesmo com um preço do veículo furado e o para-brisas quebrado por balas.

Foi exatamente nesse confronto que o coronel Carlos Ernesto Bruckman comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar, em Londrina, que estava na janela do lado direito pôde abrir a porta e saltar. Logo atrás vinha o ônibus da Viação Manoel Rodrigues com os 12 reféns, chegando ao fim o sequestro e começando o tormento dos marginais que logo após se viram encurralados pela polícia.

Os assaltantes que até aquele momento mantinham a situação sob controle, excedendo em diplomacia e cordialidade, ao perderem o último refém e com o veículo avariado, entraram em desespero. Saíram imediatamente da Rodovia Castelo Branco, abandonando o veículo e invadindo então a Fazenda da Duratex Florestal, no KM-91 da Rodovia Castelo Branco.

Segundo o empregado da fazenda, Antonio Carlos da Silva, os marginais estavam muito apavorados. "Vi quando eles chegaram perto da gente e invadiram com todas aquelas armas o caminhão do Toninho (Antonio Cândido) e saíram em disparada. Só que não andaram nem 500 metros, bateram num barranco, o caminhão perdeu a roda e parte da carga de madeira. Aí deram uns tiros e se embrenharam no mato. Só bem depois é que pisaram a polícia".

Antonio Carlos disse, também, que ao perceber que era um assalto, correu por um desvio até a sede da fazenda e gritou três vezes para a polícia de Sorocaba, alertando da presença dos assaltantes nas imediações. Contou ter visto "além das armas de grosso calibre, a sacola que possivelmente guarda parte do dinheiro levado do Banestado. Vara intimidar os empregados da fazenda, antes de entrar no mato, eles fizeram alguns disparos temendo serem perseguidos.

Pista

O tenente Eduardo, que comanda um grupamento de 20 homens do Pelotão de Choque de São Paulo, com 15 cães amestrados conseguiu andar na pista dos marginais na Duratex Florestal, num trecho de 4 quilômetros. Revelou que antes de entrar na mata foi até a caminhoneta abandonada onde os cachorros farejaram alguns objetos como cobertor, travesseiro, um colete, fato foi o bastante para que os animais entrassem em perseguição. Só que mais à frente, após a mata ser cortada por uma estrada, eles perderam a pista.

Para o tenente Eduardo, que vasculhou o veículo utilizado na fuga, pelo menos um dos assaltantes ficou ferido na troca de tiros com a Polícia Rodoviária Federal. Contou que havia diversas manchas de sangue no banco da caminhoneta. Por volta das 18 horas, quando foram interrompidas as buscas na mata, permaneciam apenas o cerco nas rodovias e estradas secundárias, aquele policial afirmou que o êxito da operação estava prejudicado devido a demora da chegada dos cães que vieram de São Paulo e só entraram em ação a partir das 15 horas.

No entanto, os policiais paulistas estão apostando na mobilidade dos assaltantes naquela área, principalmente quanto a tentativa de se evadirem, uma vez que em algum local eles terão que atravessar pelo menos uma estrada secundária. Além disso, alguns agentes comentavam que eles estão bastante cansados e mal alimentados, uma vez que estão nesse clima de tensão do assalto e do sequestro há mais de 30 horas.

Assustados

Os moradores próximos à Fazenda da Duratex e municípios vizinhos como Porto Feliz estão assustados com o grande aparato policial. Na Rodovia Castelo Branco, na área compreendida como de "risco", a cada dois quilômetros existe barreira com viaturas da Polícia Rodoviária Federal. Nas estradas secundárias o policiamento é ainda mais ostensivo. De cada 200 a 300 metros as patrulhas com cerca de 15 homens, com metralhadora e fuzil, revistam todos os carros, exigindo inclusive documentos dos passageiros.

Os policiais paulistas admitem que prender os 7 assaltantes do Banestado tornou-se um ponto de honra, dada a repercussão que caso teve a nível nacional. Admitem que há alguns pontos obscuros nesse episódio, e que precisarão ser melhor esclarecidos: um deles, comentado por um policial do DEIC (Departamento de Investigações Criminais) de São Paulo, é a forma espetacular com que eles fugiram do assalto, negociaram, saíram do banco e depois empreenderam uma fuga bastante confusa, considerada até mesmo amadora.

Até ontem à noite nenhum dos assaltantes (mesmo o que está ferido) havia sido capturado. As buscas também tinham sido suspensas, permanecendo como estratégia a vigilância dos pontos tidos como os mais visados. Também estão sendo estudado um plano de ação conjunta envolvendo todos os 200 policiais que participaram do cerco, visando reiniciar hoje de manhã uma operação mais ostensiva para chegar aos assaltantes.

Dos enviados especiais Edneilson Alves e Josué de Carvalho

A Folha sobrevoou ontem o local da caça aos assaltantes, próximo de Sorocaba. À esquerda desta foto, de Josué de Carvalho, a mata onde os assaltantes se embrenharam

Nossos repórteres Edneilson Alves e Josué de Carvalho acompanharam o cerco aos assaltantes em Sorocaba. Há 200 policiais na operação

"A volta dos reféns é o mais importante"

O presidente do Banestado, João Carlos Finardi, veio ontem à Londrina acompanhar o retorno à normalidade dos serviços na agência assaltada e adotar pessoalmente eventuais providências que fossem necessárias, inclusive com relação à libertação dos reféns em caso de novas exigências dos assaltantes. Ele disse que autorizou os funcionários a decidirem se queriam ou não trabalhar ontem, dado o clima emocional após o assalto e o sequestro. Mas a maioria preferiu trabalhar. Finardi estava em Brasília quando o banco sofreu a ação. Contou que foi informado logo após o início do assalto. "Desde o primeiro instante — disse — a minha preocupação foi com a segurança das pessoas que estavam no banco, tanto os clientes como os funcionários." Essa preocupação, segundo disse, foi manifestada ao Secretário de Segurança, Antonio Lopes de Noronha, ao falar com ele por telefone.

Finardi disse que a polícia do Paraná, embora não tenha a ideal, conta com uma boa estrutura de ação, inclusive com helicópteros, mas que em nenhum momento se pensou em acionar o aparato policial, pois a preocupação maior era com a segurança dos reféns. "Nós pedimos, inclusive, que não houvesse nenhum tipo de perseguição."

"Banco com o prejuízo"

O presidente do Banestado explicou, também, que o banco deve arcar com os prejuízos resultantes do dinheiro não recuperado. Até ontem à tarde, não se sabia ao certo quanto tinha levado na ocasião abandonada. Um informe dava conta de que parte do dinheiro fora levada com os bandidos durante a fuga. Segundo Finardi, não existe seguro que cubra casos de assalto. "O prejuízo, nas hipóteses, fica inteiramente por conta do banco vítima."

Ele disse, também, que não houve empréstimo do Bradesco e de outros bancos que forneceram numerários para completar os Cz$30 milhões exigidos pelos bandidos. E que na hora do assalto o carro-forte não tinha ainda chegado com a remessa de dinheiro do dia. Por isso, o prejuízo — não de Cz$16 milhões — teria sido bem menor. Finardi disse que o banco não tem como saber o que os bandidos levaram. Eles estavam na agência. Foi preciso que o subgerente José Cotello realizasse seguidas viagens ao Bradesco para levantar os Cz$30 milhões exigidos. Ontem, Finardi explicou que não se tratou de qualquer empréstimo ou mesmo cessão de numerário. Segundo seu presidente, o Banestado apenas realizou saques de sua conta junto ao Banco Central para cobrir o total exigido pelos marginais. "Portanto — explicou — o prejuízo é inteiramente do Banestado". Mas voltou a frisar que a preocupação do banco em todo momento sempre foi com a segurança, primeiramente dos cinco 300 que estavam na agência e posteriormente dos reféns levados pelos assaltantes.

A refém Maria Helena Gomes da Silva no retorno ao banco

Sob tensão, ontem, agência funcionou precariamente

O clima tenso ainda predominava na agência centro do Banco do Estado do Paraná na manhã de ontem. Gavetas e cadeiras eram revolvadas em seus lugares. Os resquícios físicos do assalto-sequestro eram eliminados, apesar da forte permanência da tristeza pelos reféns ainda em poder dos assaltantes. A gerência geral do banco havia decidido dispensar todos os funcionários, que na tarde de quinta-feira viveram o drama de um dos maiores e mais demorados dos assaltos na história do Paraná. Para suprir as faltas, foram convocados funcionários das demais agências de Londrina e de outras cidades próximas. Ainda no período da manhã, poucos sabiam informar se o Banestado — centro abriria ontem.

A notícia da liberação dos reféns chegou a Londrina pouco antes das 11 horas. Foi quando o clima de alívio se estampou no rosto de cada um dos funcionários da agência. O trauma aos poucos foi sendo substituído pela alegria, que ainda reprimida era constatada nas expressões das pessoas. Pouco depois da chegada ao atendimento foram iniciados precaruamente. Soldados da Polícia Militar controlavam do lado de fora a fila de clientes, que tiveram acesso à agência em pequenos grupos, de forma a evitar aglomerações no interior do prédio. O expediente foi encerrado às 15 horas, mas até as 16h30m inúmeros clientes ainda tentavam receber atendimento. Os casos mais graves, como os de cobrança de conta, foram liberados inclusive para os pequenos depositantes. Na mesa do gerente-geral, Walter Rosa, cada cliente queria receber novas informações. Os comentários entre os funcionários eram poucos, com um ou outro falando raramente sobre o assunto. Todos queriam apagar a tarde de quinta-feira da lembrança.

Zenaide se escondeu

Zenaide Ribeiro Henklein, 28 anos e grávida de 8 meses, estava no caixa de retaguarda quando percebeu os assaltantes tomando a agência. Ouviu o primeiro tiro e viu as pessoas se deitando no chão. Não teve dúvidas: apesar da gravidez, se escondeu embaixo de uma escrivaninha. Ali ficou quase 2 horas e apenas se lembra que um dos assaltantes constantemente subia sobre o seu escondedouro, de escopeta em punho. Sofreu uma queda de pressão e chegou até a cochilar. Acordou a chamado dos assaltantes, que a liberaram no primeiro grupo de pessoas que deixou a agência. O caixa Paulo Dorão não teve a mesma sorte. Dele os assaltantes levaram o relógio, o par de sapatos e a camisa. Para ele, o momento de maior tensão na quinta-feira foi quando os assaltantes começaram a vasculhar suas pastas que levavam juntos.

Uma funcionária do setor de informações respira aliviada ao dizer que saiu para almoçar alguns minutos antes do assalto. A secretária da gerência-geral, Vera Maria, foi outra beneficiada com o horário de almoço. Mas diz que em caso sofreu muito mais acompanhando os acontecimentos pelo rádio. Pedia insistentemente a Deus que ninguém saísse ferido. O vigilante Nelson Ferreira entrou em 2º partilhão do prédio quando ouviu o primeiro tiro. No momento em que decidia para ver o que acontecia, foi logo agarrado por três dos assaltantes e puxado para baixo. Teve a sua arma retirada do coldre e foi praticamente um dos primeiros reféns, por serviu de proteção aos assaltantes, que queriam passar diante da porta aberta. Depois foi jogado de braço sobre o capacete, ali permanecendo encoiel por quase 3 horas. Revelou dialogar com os assaltantes, pedindo para ser levado ao banheiro. Foi atendido e a partir daquele momento estabeleceu contato com os assaltantes, que o tranqüilizaram e pediram calma.

Muito medo de ser levado

Kleber Luís Maldonar, 22 anos, conta que ouviu o primeiro tiro e foi até uma brincadeira: "Se foi em mim não acertaram" — comentou com colegas. Minutos depois já estava em mãos dos assaltantes e foi obrigado a se deitar no chão. Permaneceu de braço do 11h30m às 14h30m, sentado, braços e pernas amarrados, quando os [illegible] disseram que se levantasse [illegible] transporte dos reféns. Também foi obrigado a [illegible] gavetas dos caixas e [illegible] gaúchê charcado, devido abraço, gravava a sensação [illegible] Os assaltantes queriam [illegible] todas as gavetas fossem [illegible] do cofre das chaves [illegible] associação.

Alinado, Kleber conta [illegible] constantemente [illegible] feitos pelos assaltantes [illegible] reféns. "Aí ser uma pessoa [illegible] entrar aqui. Vamos lá [illegible] essa gente" — disseram [illegible] estava incluído na relação [illegible] que seguiriam viagem no [illegible] Foi o primeiro escolhido [illegible] levar do encanto por que [illegible] de oportunidade. Quando [illegible] iniciaram a seleção [illegible] algaharam, na tentativa [illegible] desapercebidas. Essa [illegible] dos assaltantes, [illegible] aprovação de todos. [illegible] Kleber foi abraçar uma [illegible] chorava desesperadamente [illegible] cabeça, de forma a não [illegible] como um dos [illegible] seguia realizar o seu [illegible] que fazer parte do contingente [illegible] protegido os assaltantes [illegible] notado até o fechar do [illegible]

Bravura e coragem [illegible] repórter

O gerente-geral foi [illegible] agradecimentos [illegible] clientes, empresários, [illegible] especialmente ao [illegible] Ubiratan, pela bravura [illegible] Conta ele que o repórter [illegible] primeiro a entrar na agência [illegible] "Senti que [illegible] assaltantes não aceitavam [illegible] tremendário. Mas eu [illegible] dialogando, até que [illegible] dominar dos assaltantes [illegible] Ipiranga do Paulo Ubiratan [illegible] repórter da Folha de [illegible] se oferecendo como [illegible] ficar com o grupo.

Alegria no banco: reféns libertados

A gerência regional do Banestado em Londrina viveu momentos de emoção ontem por volta das 11 horas, quando o funcionário Gil Cardoso de Almeida, um dos reféns levados pelos assaltantes, telefonou e deu notícia. "Estamos livres". José Cotello, que recebeu a ligação, não escondia a emoção: "Que bom, meu irmão, e os outros companheiros?". Gil deu alguns detalhes. Disse que os ladrões resolveram libertar os reféns na Rodovia Castelo Branco e embrenharam-se no mato. Acrescentou ainda que estava havendo perseguição policial.

Em seguida Cotello quis saber dados sobre o dinheiro. Gil respondeu que estava numa caminhoneta abandonada pelos bandidos, mas não sabia precisar o valor. "Parece que eles levaram algumas sacolas" — foi o seu informe. Cotello recomendou que o funcionário pedisse proteção policial para o dinheiro.

Em princípio cogitou-se enviar um carro-forte de Londrina para trazer o dinheiro de volta. Mas tarde o gerente-geral do Banestado, Elio Marcondes, resolveu que o dinheiro deveria ser depositado na agência de Ibaiaça, em Tatuí, com receio de erros para Londrina, depois de finalizadas as tribulações policiais com muitas incógnitas ocasiões.

Mas tarde Marcondes cuidou de providenciar condução para os funcionários que ainda estavam em Tatuí. Houve um desencontro de informações e a primeira [illegible] Elas chegaram a pensar que a Secretaria de Segurança teria enviado um grupo de helicóptero para buscar os reféns. "Cada vez a informação que recebia — disse Marcondes — [illegible] contatos com mais Secretaria de Segurança de São Paulo. Depois de diversas tentativas [illegible] com Gil e [illegible] Tatuí. Ele [illegible] Gil [illegible] Tatuí. Ele [illegible] Gil [illegible] Tatuí. Ele [illegible] Gil

SOBRE A KINOPUS

Coordenada por Guilherme Peraro e Rodrigo Grota, a Kinopus foi criada em 2004 com foco em produção para Cinema & TV. Ao longo de 15 anos, a produtora conquistou mais de 70 prêmios entre festivais nacionais e internacionais, tendo realizado coproduções com França e Argentina. Entre os principais projetos realizados, destaque para os longas Leste Oeste (2016), Isto (não) é um Assalto! (2018), Passagem Secreta (2020), além das séries de TV Brincando com a Ciência (2017), Super Família (2019) e Cientistas Brasileiros (2020). Suas obras estão disponíveis em streaming (Amazon, Looke) e já foram apresentadas em canais de TV como ESPN, Universal Channel, TV5 Monde, Rede Globo, TV Cultura, entre outros.

13 Prêmios no Festival de Gramado

3 Prêmios de Aquisição Canal Brasil

3 Prêmios ABC (Associação Brasileira de Cinematografia)

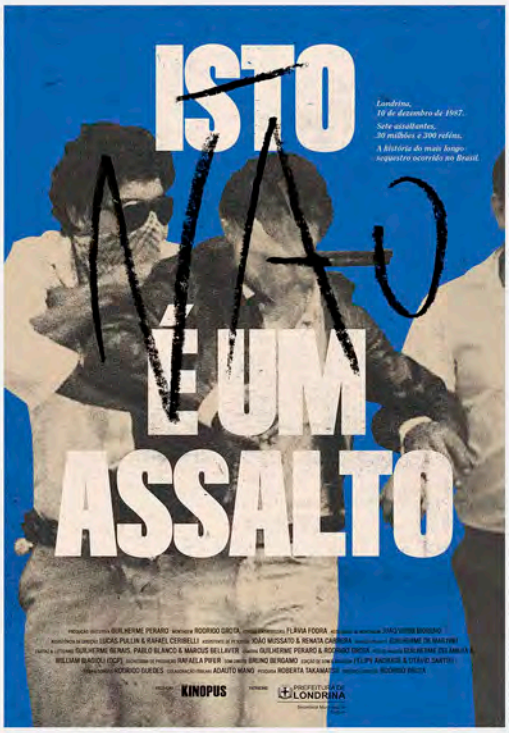
2 Indicações ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro

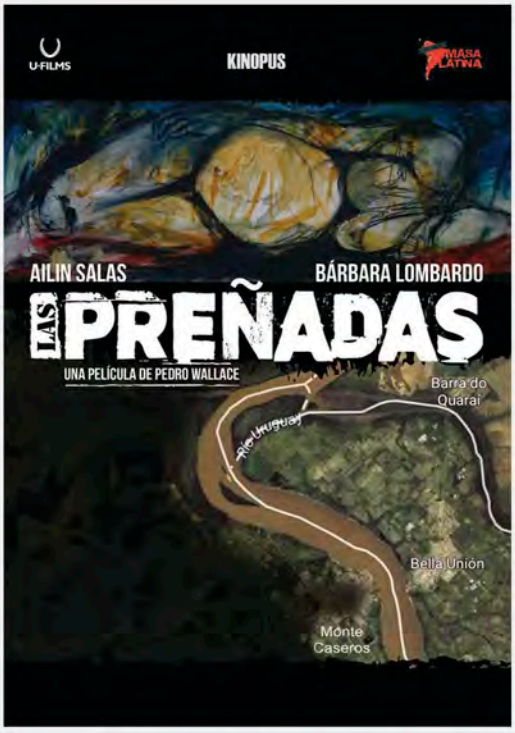
Don Quixote Award International Federation of Film Societies

Van Gogh Award - AIFF

Premiações nos EUA, França, Holanda, México e Grécia

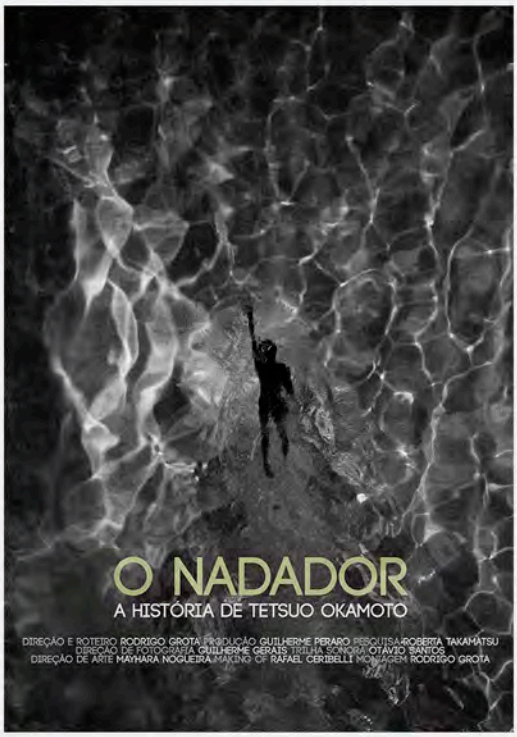
LES
TE-
OEST E
KINOPUS

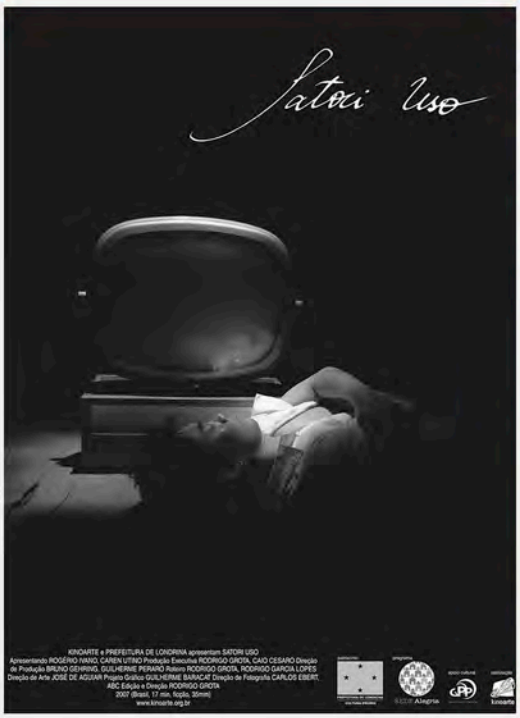

ISTO
NÃO
É UM
ASSALTO
Londrina,
10 de dezembro de 1987.
Sete assaltantes,
30 milhões e 300 reféns.
A história do mais longo
sequestro ocorrido no Brasil.
KINOPUS
PREFEITURA DE LONDRINA

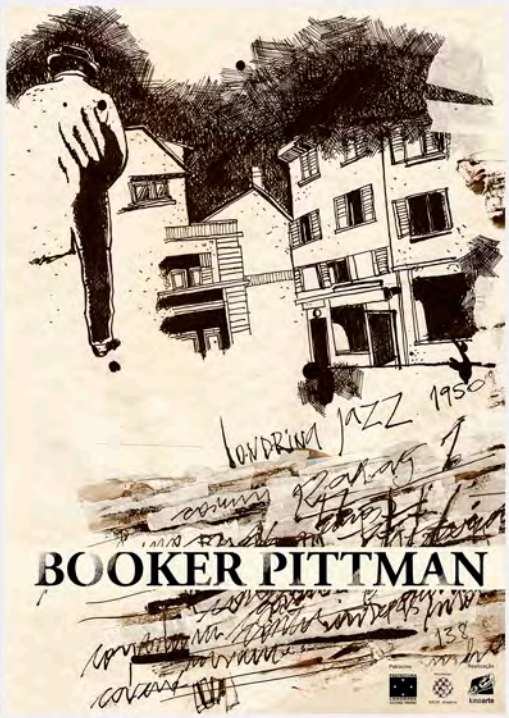

U-FILMS
KINOPUS
MASA LATINA
AILIN SALAS
BÁRBARA LOMBARDO
LAS PREÑADAS
UNA PELÍCULA DE PEDRO WALLACE
Barra do Quaraí
Río Uruguay
Bella Unión
Monte Caseros

Brincando com Ciência

SUPER FAMÍLIA


O NADADOR
A HISTÓRIA DE TETSUO OKAMOTO
DIREÇÃO E ROTEIRO RODRIGO GROTA PRODUÇÃO GUILHERME PERARO PESQUISA ROBERTA TAKAHATSU
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA GUILHERME GERAIS TRILHA SONORA OTÁVIO SANTOS
DIREÇÃO DE ARTE MAYHARA NOGUEIRA MIXING DP RAFAEL CERIBELLI MONTAGEM RODRIGO GROTA


Satori Uso
KINOARTE e PREFEITURA DE LONDRINA apresentam SATORI USO
Apresentando ROGÉRIO NANO, CAREN UTINO Produção Executiva RODRIGO GROTA, CAIO CESARO Direção de Produção BRUNO GEHRING, GUILHERME PERARO Roteiro RODRIGO GROTA, RODRIGO GARCIA LOPES
Direção de Arte JOSÉ DE AGUIAR Projeto Gráfico GUILHERME BARICAÉ Direção de Fotografia CARLOS EBERT
ABC Edição e Direção RODRIGO GROTA
2007 (Brasil, 17 min, fogão, 35mm)
www.kinoarte.org.br


LONDRINA JAZZ 1950
BOOKER PITTMAN

大原治雄
HARUO OHARA
Patrocínio
Secretaria do Audiovisual
Ministério da Cultura
BRASIL
GOVERNO FEDERAL
Realização
kinoarte

Do cerco à fuga, tensão e calmar

Após ser comunicada de assalto ao posto central do Banestado, a Polícia Militar gradativamente foi cercando o prédio, fechando ruas das Avenida Paraná, Tiradentes, entre as ruas Hugo Cabral e Pernambuco. Ao saber que os assaltantes tinham concedido uma trégua de cinquenta minutos para o cerco de isolamento, para esperar o depósito do resgate. Enquanto isso vários repórteres Paulo Ubiratan, como o delegado Vandeci Corral Fernandes, o capitão Marcondes e o coronel Carlos Ernesto Brandmann, depois pronunciamento as negociações — até então sem nenhum sucesso — com os assaltantes.

Às 12h40m o repórter da Folha denuncia o prédio do banco carregado de sacos brancos uma escuta telefonada por demanda, tem claro aviso da tentada que funcionários e clientes, metódica como vítima, estavam sendo feitos. Logo depois ouve a voz do delegado Vandeci que por indústria para alertar as pessoas que se encontravam pelo lado de dentro do cordão de isolamento para não passarem defronte do prédio. Segundo explicou o delegado, a passagem constante de pessoas estava deixando os assaltantes nervosos. Neste momento, agentes da Polícia Federal distribuíam aos policiais coletes à prova de bala, preocupados para a hipótese de um tiroteio.

Fuga na cadeia

Às 13h40m o delegado Odi Pacheco Ribeiral — que, de lado de fora, comandou as negociações — prometeu-se a fornecer, exigido pelos assaltantes, que nova tentativa seria efetuada na fuga deles e dos reféns. Neste exato momento, porém, um atentado bomba contra dois policiais de emergência, com a morte ainda de um soldado, deixou grande de uma fuga em massa na Cadeia Pública de Londrina. Os assaltantes, acompanhados do fato de a delegacia estar cheia dos guarnecida, tentaram desesperadamente a fuga. Nove minutos depois um ônibus da Viação Garcia, com [illegible] na Avenida Tiradentes. No ônibus, o repórter desceu o prédio acompanhado de mais um refém — fato que não se repete durante toda a tarde, com o assaltantes liberando, aos poucos, a maioria dos 300 reféns que estavam no banco no momento do assalto.

Pouco depois os policiais abriram o cerco na confluência da Avenida Paraná com a Quintino Bocaiúva, para permitir, assim, a passagem do ônibus em direção à saída para Cambé. No momento em que o motorista ultrapassa o ônibus na calçada, deixando-o com a porta aberta e preparado para receber os assaltantes, um batalhão de repórteres e fotógrafos colocaram na linha de frente esperando o desfecho. Instantes depois houve um princípio de tumulto devido à queda de um assaltante de uma construção próxima à Loja Americanas, e que quase atingiu os repórteres. Uma correria geral. Logo contida pelos policiais.

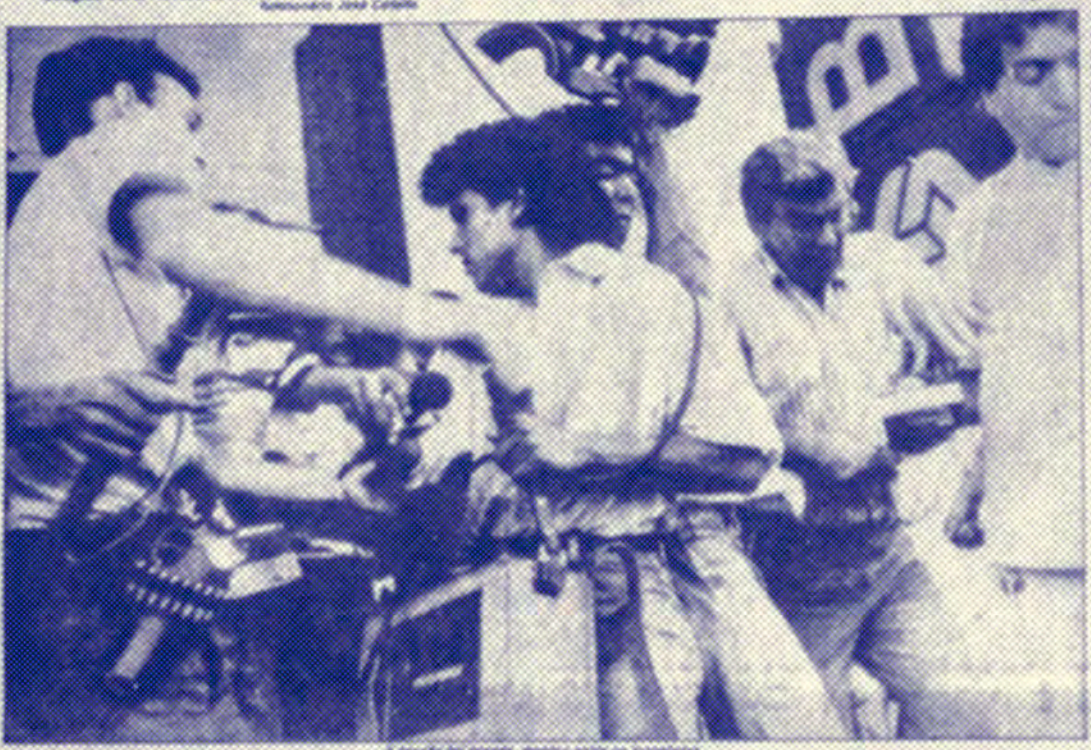
Mais munição

Um funcionário do Banestado adentrou ao prédio às 14h12m com uma bolsa carregada, devido a exigência de que estava cheia de dinheiro, do lado, o senhor João Luiz Bruno Cassandri, através uma sentença [illegible], que, conforme explicaram posteriormente sobre uma crise nervosa. Quatro minutos depois o repórter Paulo Ubiratan saiu novamente do prédio para buscar munição de revólver com empresa dos assaltantes. Tudo transcorreu — disse ele, sobre o ambiente que até então predominava dentro da agência. Paulo retornou com duas caixas de balas recebidas para a pistola 1.40 e uma caixa de balas para revólver, calibre 38, só que com um detalhe: as balas estavam sem pólvora, que foi retirada pelos policiais.

Às 14h22m o repórter Ricardo Kaminski, da Radio Paiquerê, é chamado pelos assaltantes. Kaminski não do prédio com cinco balas de 100 cruzados para o segundo assalto, [illegible] alimentos. Retornou ao prédio carregando sacos de [illegible], suporte, leite e cobertas. Às

Delegado Corral Fernandes, coronel Brandmann, delegado Humberto Lacerda Di Alcântara e funcionário José Cabello

O ônibus da fuga



A tensão foi grande, mesmo entre os jornalistas

Os 12 reféns

Quanto a eventual [illegible] ção, disse a a relação dos reféns que foram levados no dinheiro [illegible] na condição de reféns. Paulo Ubiratan reporter [illegible] Carlos Ernesto Brandmann, comandante da 1ª Delegacia da PM, capitão Pedro Marcondes, do 2º BPM, delegado Vandeci Corral Fernandes, delegado da 10ª Subdivisão Policial, Pedro Lucas, da paróquia dos Cinco Chagas, advogado Humberto Lacerda de Alcântara, [illegible] delegado Sérgio Pierson, do Hospital Evangélico e os funcionários da Universidade Estadual de Londrina de [illegible] Nildo Dias Vicente, Eliseu Aparecido Pimentel, Maria [illegible] Gomes de Sá e Edivar Moreira Milani.

Reféns fogem do 3º

Alguns dos reféns correm pela passagem

SÃO P
CUR
ENTRE

CONTATO

---

www.kinopus.com.br
fb.com/kinopus
instagram.com/kinopus_
info@kinopus.com.br
43 3357 7844
43 9 9118 5475 Guilherme Peraro